

pete eco

no. 8

no. 8

04 - 09

museu de arte virtual: experiências, acessibilidade e aprendizagem como alternativa de alteração

*um trabalho de pesquisa de alunos da UNIFESP
por Bella e Davi*

10 - 21

**em busca da forma,
uma entrevista bacanérrima
com Nádia Senna**

*por Aline, André Gustavo, Bella, Davi, Icaro,
Francisco, Livea, Pedro Augusto e Yuki*

**chamada aberta
*colagens selecionadas***

22 - 47

conheça um artista

ou melhor: 14 artistas que fazem parte do PET Artes Visuais

48 - 75

76 - 79

conheça um PET

*O que é o PET Diversidade e Tolerância
com a Petiana Luana Durante Oliveira
por Icaro*

coluna recomenda

podcasts, músicas, textos, cinema e artes

80 - 86

editorial

87

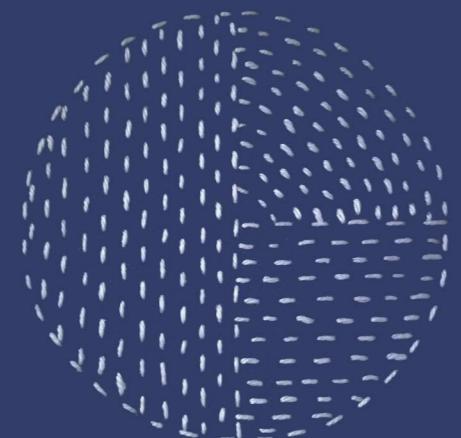
Em sua oitava edição digital, a Peteleco dá continuidade ao projeto que se iniciou como um mini jornal em 1995 quando o PET ARTES VISUAIS estava sob tutoria de Gilberto Sarkis Yunes.

Hoje a revista é costurada pelos membros do grupo com a tutoria da professora Dra. Nádia Senna.

O editorial da Peteleco n.8 é uma colagem de iniciativas de pesquisa, ensino e extensão dentro e fora da Universidade Federal de Pelotas.

Aqui buscamos tecer um elo entre artistas, leitores e territórios a partir de perspectivas plurais ligadas a arte contemporânea.

E você? Se fosse uma linha, qualquer uma, qual seria?



4º MUSEU DE ARTE VIRTUAL: EXPERIÊNCIAS, ACESSIBILIDADE E APRENDIZAGEM COMO ALTERNATIVA DE ALTERAÇÃO.

Este é um projeto desenvolvido por estudantes de pedagogia da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo - EFLCH, por meio da Unidade Curricular - “Práticas Pedagógicas e Pesquisa”, propõe assegurar o contato dos estudantes da pedagogia à experiências educativas, através das diversas trajetórias profissionais possíveis em espaços escolares e não escolares, por meio de linhas de pesquisa. A linha “Museus Virtuais de Arte,” busca compreender o conceito de interatividade, investigando o design do ambiente virtual e suas ferramentas, como também propor um olhar sensibilizado para a acessibilidade de pessoas que não tem disponibilidade de acesso à cultura. Durante as pesquisas, constatou-se o aumento das visitas em sites desenvolvidos pelos museus após a pandemia da covid-19.

Esse novo momento histórico também mudou o jeito com que se via e acessava os espaços culturais, o espaço virtual se tornou o único lugar possível de acesso ao público. Nessa nova realidade as instituições culturais tiveram de se adaptar de diversas formas, enfrentando crises que refletem o caos instaurado pela pandemia, com o entorno de criação de estratégias para reabertura, com o objetivo de restaurar a confiança do público e para desenvolver ferramentas virtuais para manter a relevância do discurso museológico, isso enquanto se enfrentava cortes orçamentários, tendo a necessidade de diminuir o quadro de funcionários, ao mesmo tempo que se viam obrigados a realizar contratações de especialistas para produzir conteúdo virtual, foi necessário se pensar em captação de novos recursos financeiros.



É possível visualizar a adaptação dos espaços, museus e exposições ao virtual, mantendo viva a chama do discurso museológico, criando uma nova linguagem para uma nova realidade, possibilitando conexões artísticas que o presencial não daria conta, produzindo materiais artísticos inovadores e constantes, podemos dizer que foi desenvolvido uma nova maneira de produzir e apresentar o fazer artístico, e de alguma maneira com ferramentas ainda mais democráticas. Com a localização dos museus nas zonas centrais a tradicional modalidade de visitas presenciais aos acervos dificulta o acesso para parte das populações de periferia e até mesmo visitações interestaduais. Nesse caso, os museus virtuais e seu acervo, possibilitam para as pessoas que têm menos tempo ou mobilidade acompanharem um pouco a arte de casa.

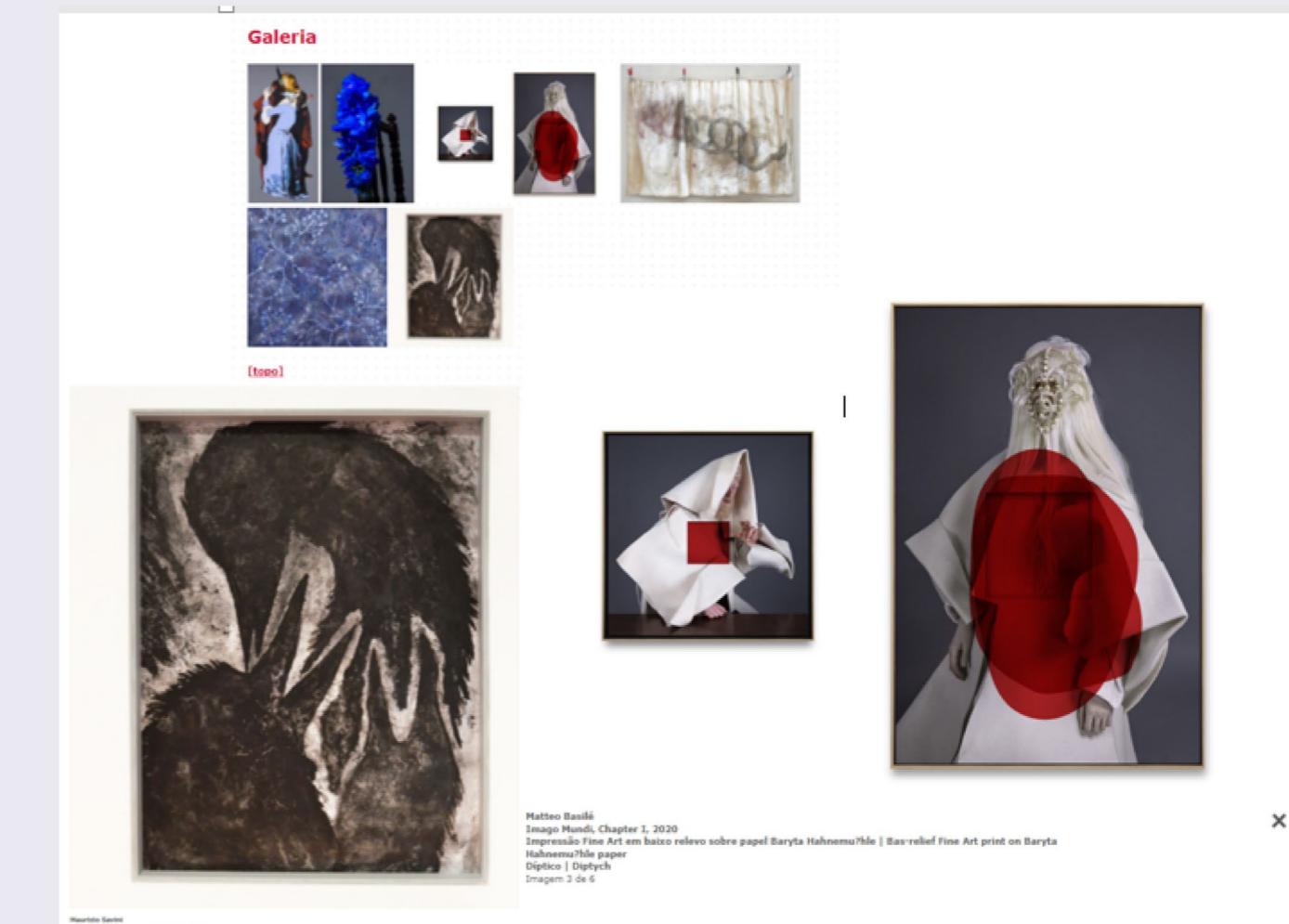
A interação com os museus virtuais pode amenizar estes efeitos nas zonas periféricas pela falta do acesso à cultura, além de incentivar os jovens a se interessarem pela história das humanidades e as expressões artísticas de suas localidades. Então, os museus virtuais de arte podem servir como uma forma de diminuir a falta de acesso à cultura a curto prazo, mas vale lembrar que não tem o intuito de aumentar as distinções sociais – todos devem frequentar espaços culturais, usufruindo de seus

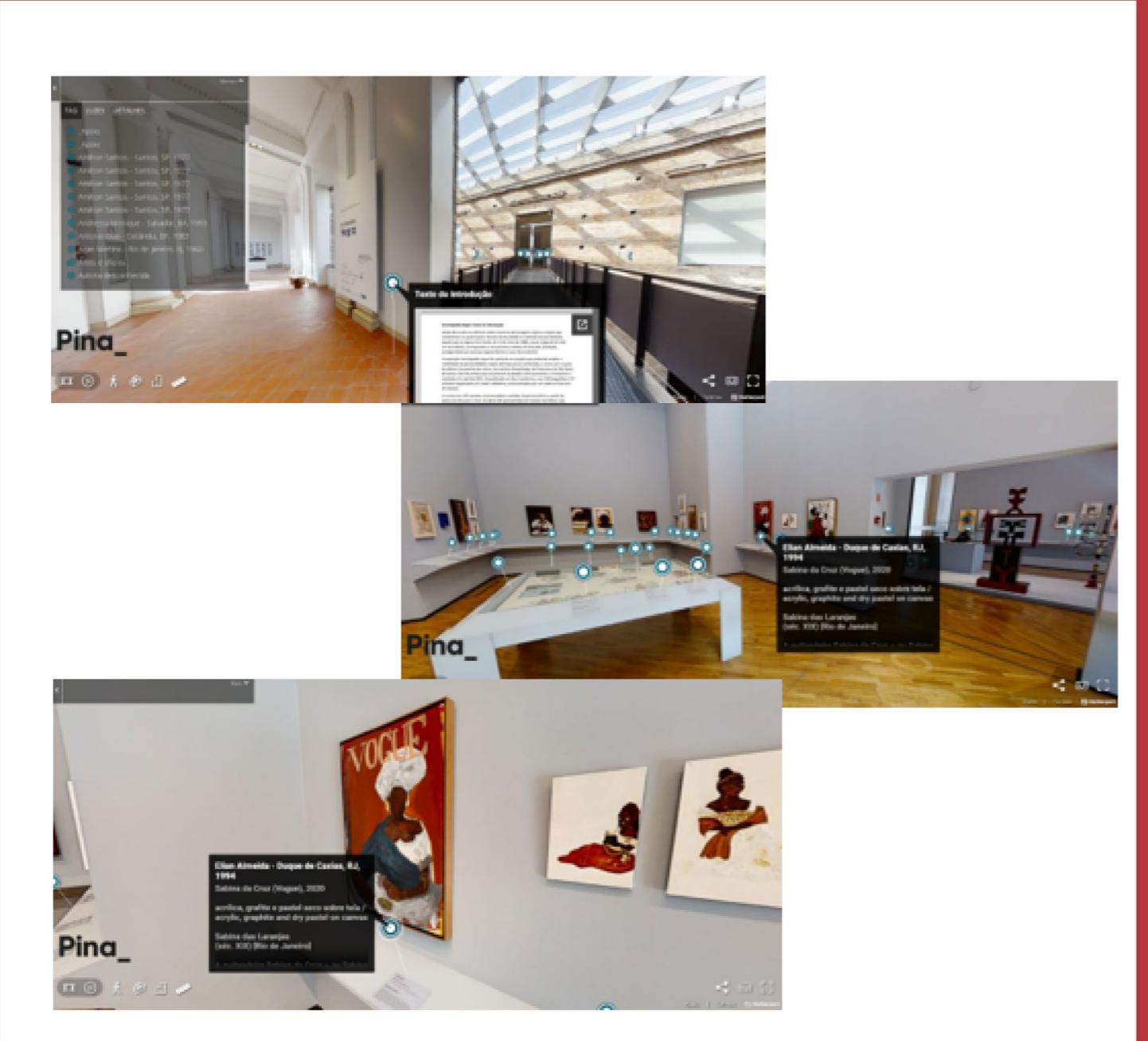
direitos constitucionais onde determinam cultura a todos.

Decorrente dos avanços da tecnologia, os museus virtuais criaram estratégias para alcançar cada vez mais telespectadores nas suas plataformas digitais. A interatividade com o acervo é constantemente inovada, dentre elas destaca-se a reconstrução digital de objetos em 3D, ferramentas como o scanner 3D e o Kinect Fusion. Na realização das obras tridimensionais, pontos como profundidade e alinhamento das imagens são essenciais para um design digital, vale ressaltar que, o scanner 3D tem total responsabilidade somente pela profundidade. O Kinect Fusion, se responsabiliza pela captura de pontos de profundidade, reconstruindo uma cena em tempo real, criando uma interação com o telespectador e a obra em si. A tecnologia, favorecendo a proatividade das pessoas com a arte em si, possibilita um acervo digital completo e acessível para todas as classes.

¹ Eduardo Anizelli/Folhapress - Ato no início do ano de 2017 contra o congelamento de verbas para a cultura na gestão do João Doria.

² Galeria MAC USP - Obras referente a exposição virtual da “Arte Italiana na Pandemia”





Memorial da Resistência de São Paulo

Visite Programação Arquivo Educação Notícias Sobre

Acervo Digital

Nosso acervo traz à público as memórias da repressão e da resistência políticas no Brasil. São centenas de registros em audiovisual com testemunhos de ex-presos e perseguidos políticos, familiares de mortos e desaparecidos, e militantes dos movimentos sociais. Inclui também um vasto banco de referências bibliográficas e iconográficas de lugares de memória no Estado de São Paulo.

Atividades

Companha Sonhar o Mundo
Conhecendo o Design/SP: História e Memória
Contação de Histórias
Curso de Educação em Direitos Humanos

A questão da acessibilidade também foi motivo de preocupação. Sabe-se que a deficiência visual é caracterizada pela perda visual total ou parcial de um ou ambos os olhos, ocasionando em diferentes níveis de gravidade. Sendo assim, tornou-se necessário a utilização de mecanismos para um alcance maior dessas pessoas. Uma delas é a Audiodescrição (narração sobre o que está sendo transmitido ou mostrado durante a visita), paisagem sonora (sons de um determinado ambiente: como o de pássaros), e no caso de pessoas com baixa visão a utilização de cores fortes que possibilitem clareza, além da opção de super zoom.

Assim também acontece com pessoas com deficiência auditiva, mecanismos como a Hand Talk, um avatar que traduz o que está sendo dito para a LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais, outro programa utilizado é o audioguia, com controle de volume para quem tem deficiência moderada ou leve, indicado com o uso de fone de ouvido para a voz do orador ser

mais clara para o receptor. Ainda assim, para o desenvolvimento pleno desses recursos é necessário o investimento em tecnologia e comunicação, garantindo o acesso para pessoas com deficiência em diferentes graus

Em relação a nossa experiência, a participação no “Museu de Arte Virtual: Experiências, Acessibilidade e aprendizagem como alternativa de alteração” expandiu os pensamentos que tínhamos sobre o contato artístico, visto que, ao invés de pensarmos somente em um museu presencial, conseguimos compreender o quanto alternativo é o espaço virtual e interação de cada museu. Diante disso, é possível trabalhar de formas diferentes na sala de aula para interagir com os alunos e estimular o interesse dos jovens acerca do acervo dos museus de sua região, afinal, as tecnologias estão em todas as partes, e ensinar o aluno a descobrir e aprender através dela desperta uma curiosidade maior acerca da Arte, além de, facilitar o desenvolvimento com as atualidades.

Annanda Santos Soares (Pedagogia)

Rebeca Paixão de Oliveira Silva (Pedagogia)

Yasmin Prado de Oliveira (Pedagogia)

Monike Raphaela de Souza Santos (Pedagogia)

Betânia Libano Dantas de Araújo (Doutorado em Educação na linha de Pesquisa Linguagem e Educação - Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação)

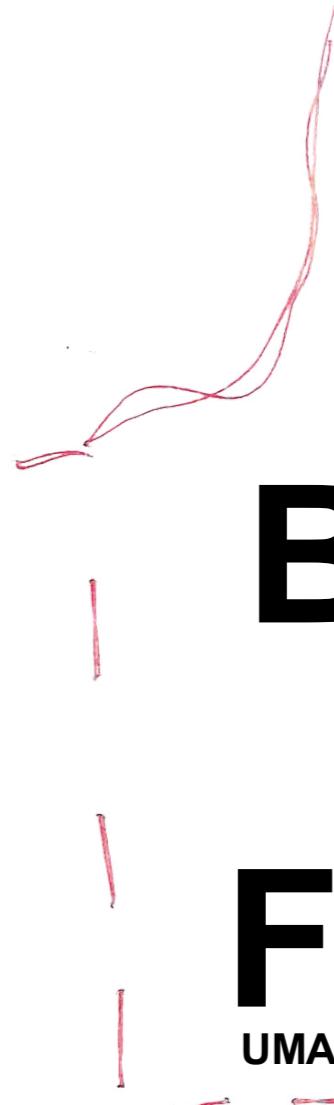
¹ Tour Virtual do Acervo da Pinacoteca de São Paulo - Possibilidade de conhecer o espaço em formato digital e observação única de cada obra

² Acervo Digital do Memorial da Resistência de São Paulo.



EM BUSCA DA FORMA

UMA ENTREVISTA BACANÉRRIMA
COM NÁDIA SENNA



PRIMEIRO QUERO AGRADECER A SUA PRESENÇA, ESTAMOS AQUI HOJE PARA REALIZAR A ENTREVISTA DA PETELECO NO. 8, A REVISTA DO PET ARTES VISUAIS. E ESTÃO AQUI VÁRIOS ESTUDANTES ENTREVISTANDO NOSSA QUERÍSSIMA TUTORA E PROFESSORA NÁDIA SENNA. E EU JÁ VOU COMEÇAR (RISOS). PRA COMEÇAR QUERÍAMOS QUE VOCÊ FALASSE UM POUCO DE TI, DA TUA TRAJETÓRIA, QUEM VOCÊ É, DE ONDE VEIO E ONDE VIVE?

Bom, então. Minha trajetória acho que é bem semelhante acho que a de muitos estudantes e professores de artes aqui dessa casa. A gente começa com um gosto pela arte que vem desde a infância, né?! E aí àquela briga na hora de escolher com a família, e a família: “Ah, vai ser pobre! Tem certeza do que tu quer fazer? A tua escolha é essa? Depois não tem campo de trabalho...Vai ser uma dificuldade.” (risos).

E eu acabei escolhendo Engenharia Civil que era por conta de uma referência de pai que já atuava, e eu quis até no meio do caminho mudar, porque eu já de certa forma sabia que eu não era pra aquilo. E aí diziam: “Não, mas enfim, você ainda não viu como que é”. Bom, acabei me formando em Engenharia e, antes de me formar, eu prestei vestibular - eu sou do tempo do vestibular - eu prestei vestibular pra Arquitetura, aqui na UFPel. E eu fui aprovada! E eu peguei um momento de transição do curso de Arquitetura que estava mais voltado pro estrutural, e eu pensei: “Bom, mas eu não quero isso.

eu vim em busca da forma”. E naquela época o curso era em conjunto com as Artes, e eu passava muito tempo na biblioteca setorial das Artes, e a própria bibliotecária me disse: “Mas tu já é formada, por quê que então tu não presta uma seleção pras Artes como graduada?”. E eu nem sabia como fazia isso e ela me ensinou tudinho, e bom, no outro semestre eu já era aluna das Artes e acabou que em determinado momento eu fiz a opção pelas Artes. E a família me perguntou: “Por que você quer isso mesmo?” E eu disse: “Bom, eu vou trabalhar lá, como todas elas”. E de fato isso aconteceu, eu me formei e vim ser professora.

Embora eu tivesse um trabalho, já tinha feito alguma exposição, tinha um trabalho em poéticas, tinha um trabalho ligado ao desenho da figura humana, que sempre foi a área do coração e me realizei muito sendo professora dessa disciplina de Desenho de Figura Humana. Então acabei vindo trabalhar nesse ateliê, primeiramente como professora substituta. Eu entrei numa época que a gente era auxiliar de ensino, e a gente trabalhava junto com o professor da carreira, então era bem bacana. E depois aí sim, fiz mestrado, doutorado, e acabei como professora assistente. E agora eu tô aqui à um passo de virar professora titular depois de 30 anos atuando dentro desse ateliê.

Um pouco a história é essa.

“Bom, mas eu não quero isso. Eu vim em busca da forma.”

BASTANTE COISA NÉ, MUITOS MOMENTOS DENTRO DESSE LUGAR. O CENTRO DE ARTES FOI SEMPRE AQUI?

Não, a gente passou por várias casas. Eu estudei num campus que era lá fora, no Capão do Leão. Depois a gente veio pra aquele prédio, que é a atual escola de Belas Artes, que fica ali no centro perto da praça, perto do Malg, que estamos no processo agora de revitalização desse espaço, pra ser mesmo um espaço de cultura e de extensão pra comunidade, atrelado ao Centro de Artes em função da enormidade que é o Centro de Artes. E depois, a gente teve um tempo na Quinze, num prédio que inclusive a Faurb tinha ocupado, e depois a gente veio pra cá, pra esse prédio, quando ainda não tinha sido feita a reforma da Arquitetura e a construção do prédio das Artes. Quando a gente veio pra cá era só um galpão e viemos Damé, com o ateliê de Cerâmica, que sempre esteve aqui nesse espaço, aqui na nossa volta, o ateliê de Escultura e também viemos com Fotografia e Pintura.

E VOCÊ VIU ISSO SE CONSTRUINDO AOS POCOS, QUE EMOCIONANTE. E COMO TEM SIDO O PROCESSO DE SER TUTORA DO PET?

Tutora do Pet.. Então, foi uma coisa que eu também não tinha pensado em ser. Eu já tinha o projeto de Arte na Escola, que era um projeto que eu herdei da Úrsula. A Úrsula é uma irmã, por que a gente se descobriu no meio do curso com muitas afinidades em termo de pesquisa, se você abre o currículo de uma vai encontrar o nome da outra, por que a gente tem feito muitas coisas juntas desde 2006 pra cá. Ela era a professora responsável pelo projeto Arte na Escola e o Pet foi um projeto capitaneado pela professora Francisca Michelon, depois teve o professor Gilberto, e vários professores que atuaram no Pet. o Pet é um programa especial né, não só pelo sentido de oferecer essas 12 bolsas, pra que o aluno possa fazer uma formação qualificada e de fato preparado pra continuar na academia ou pra ser um futuro profissional bastante extensivo na possibilidade de atuação e inclusivo na possibilidade de trazer a comunidade e compartilhar com a comunidade todo esse conhecimento. Eu tenho muito carinho pelo programa e eu não pensei, mas eu tive então um convite quando aconteceu a saída do professor Fernando, e bom, a turma do colegiado disse: “Você tem tantos projetos e é preciso um professor que tenha muitos projetos, que tenha uma facilidade de estar com alunos, e construir projetos no coletivo aberto às metodologia e às

propostas dos alunos." E eu acho que é isso né, o Pet tem essa pluralidade e essa abertura pra atuar em várias frentes e com várias equipes, então isso eu acho bacanérrimo e eu me ajusto com esse perfil, e eu tô muito feliz aqui, tanto que quando foi então no tempo da pandemia a gente pensou que poderia abrir um novo edital para tutor e acabamos renovando, e tá bem, eu devo ficar com o grupo então até mais ou menos o fim do ano, um pouquinho antes de terminar esse período, e aí a gente abre um novo edital. Mas tem sido uma alegria, é muito gratificante estar assim a tocar tantos projetos, com tanta gente bacana, com tantas produções premiadas, inclusive né. E eu penso que quando eu me candidatei uma das professoras que tava na banca me perguntou, "No que o teu projeto se diferencia e qual seria a tua missão junto ao programa?" E eu disse "Olha a minha missão é preparar esse povo pra pós graduação." E eu fico muito feliz quando vejo Stella, Jéssica, José Portella, e enfim tanta gente bacana que foi do Pet e atualmente está na pós graduação e continua atuando, então eu penso que eu já cumpri parte do objetivo que era ao entrar. Então tô bem feliz.

PROFISSIONALIZOU MUITA GENTE, NÉ?

É, era a missão né (risos). A missão tá sendo cumprida!

TOTALMENTE (RISOS). ENTÃO, SÃO MUITOS ANOS INTEGRANDO O CENTRO DE ARTES, E A GENTE QUERIA SABER QUAIS FORAM OS MOMENTOS ASSIM, MAIS ESPECIAIS, MAIS ÚNICOS, E IMPARES QUE ACONTECERAM E O QUÊ QUE O CENTRO DE ARTES SIGNIFICA NA SUA VIDA?

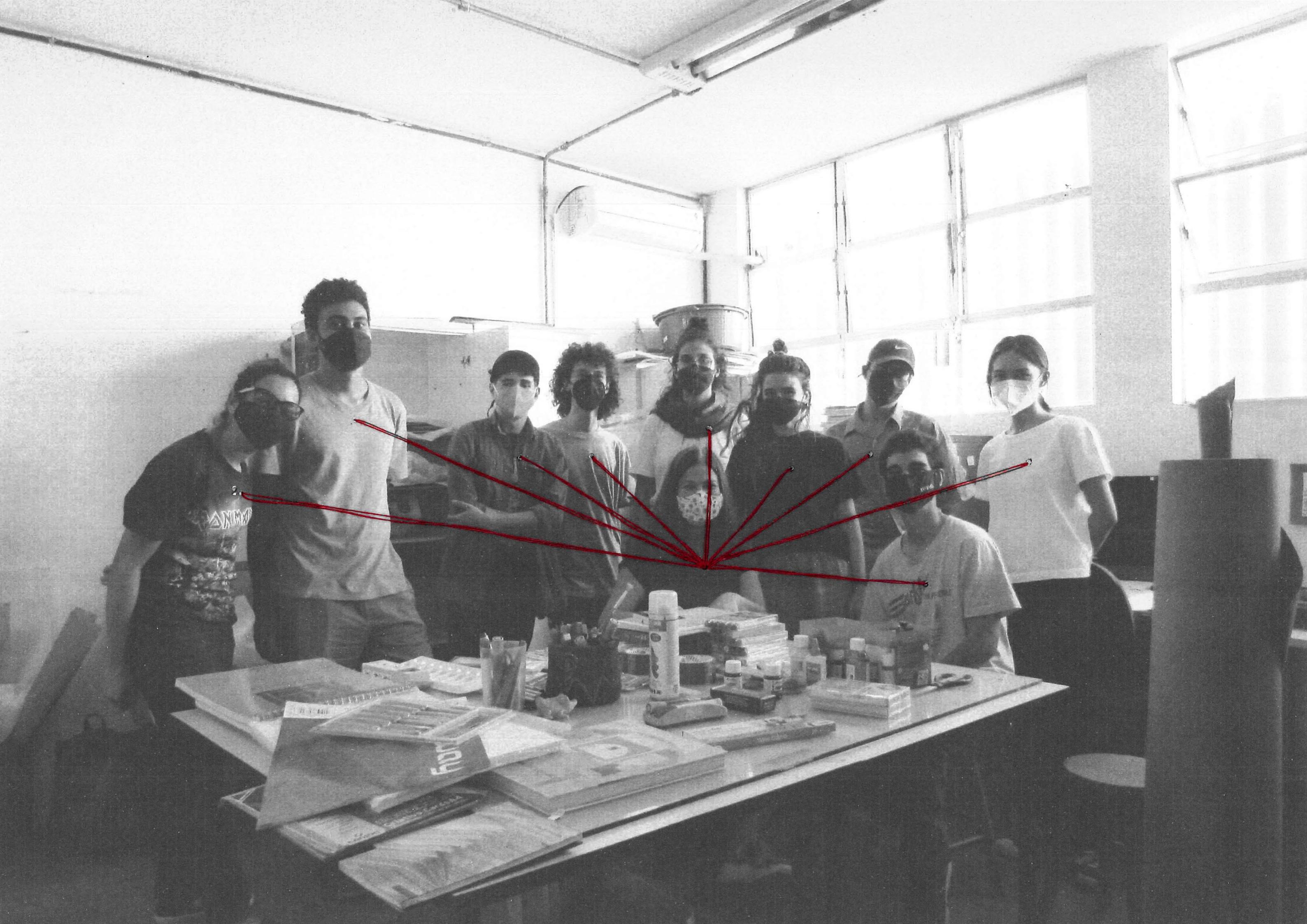
Ai, olha muitos momentos bacanérrimos, né?! Eu penso no Centro de Artes, é muito a minha casa. Eu tenho essa noção, assim, de afetividade com a casa, e eu acho assim, que foi uma emoção quando eu entrei e ser acolhida por aquelas professoras. E então, agora, uma outra missão; que era essa de ter um prédio, então eu fico pensando que nós que adentramos como professores no final dos anos 80 início dos anos 90,

a gente assumiu a missão deles, é a meta deles. E de fato a gente realizou, quando a gente tá aqui. Então assim, vir para esse prédio foi assim, emocionante porque era concretizar um sonho dos nossos professores. Porque sempre foi uma dificuldade ter esse espaço para as artes e numa cidade assim como Pelotas, tão voltada para a questão da cultura, do patrimônio. Então, isso foi um momento muito feliz, vir para este prédio. É realizações assim, meus projetos coletivos, que eu digo aos meus alunos, ah, eu adoro (risos) então sempre, a cada ano, é um projeto bacana. Em 2010, quando a gente resolveu atuar sobre a fachada do prédio, e a gente nem dava conta da enormidade do projeto que era, e de certa forma a gente estava imprimindo uma identidade para o



prédio das artes, então vê os grafites... Foi a primeira vez, eu acho, que um prédio da UFPEL foi grafitado. E com uma identidade que era nossa, que era nossa cara, foi emocionante. E fez um diferencial, foi uma marca. E todos os projetos são muito bacanas, projetos que a gente monta exposições e que depois vem a escola atuar, os alunos atuando como mediadores ou depois levando projetos que foram experimentando aqui dentro do Centro de Artes e eles chegam na escola, claro a partir de outras diferenciações em termos metodológicos ou em termos de parâmetros. Então essa coisa começa a se aplicar, e vai uma fomentando a outra e vai e depois a gente nem sabe mais o que era ensino, o que era pesquisa, o que era extensão, tudo foi unificando e reverberando. Então isso é bacanérrimo. E eu tenho vários momentos nesse sentido assim, vários! Eu tenho um acervo de imagens e de fotografias que eu nem sei muito bem o que eu vou fazer.

“Olha, a minha missão é preparar esse povo para pós graduação.”



A GENTE QUER ESSAS FOTOS (RISOS)

Eu sei o quê que eu vou fazer: eu tenho que fazer um livro, um e-book talvez, desse tempo a frente de desenho de figura humana, principalmente, que é o ateliê que sempre estive e desde que comecei como substituta até agora, trinta anos depois. Então de fato, ali a gente experimentou modos de trabalhar com a disciplina, de incluir as pesquisas, de trazer as mulheres artistas para dentro de sala de aula, que era assim uma vontade que era parte de um projeto, e de fato construir esse campo de conhecimento mais inclusivo mesmo, mais igualitário. Um projeto mesmo mais libertador.

CONSTRUIU-SE UMA CARREIRA, QUAIS FORAM AS ADVERSIDADES QUE VOCÊ ENFRENTOU NESSE PROCESSO DE CONQUISTA?

Olha, sempre muitas. Eu tenho um método de trabalho que eu acho assim, eu erro e eu não tenho problema nenhum de errar, sabe eu errei, okay, eu vou descobrir onde eu errei, e eu sou muito perseverante, então eu me atiro. E eu não sei muito bem, eu procuro ler, e entender, e procurar pessoas né, eu gosto muito de trabalhar em equipe, então isso ajudou muito né. Então ter pessoas bacanas que foram colaboradoras, que apoiaram os projetos, isso permitiu que se errasse e se avançasse, que se concertasse o erro.

“Eu erro e eu não tenho problema nenhum de errar.”

TENTASSE NOVAMENTE

E que se tentasse novamente, e fosse a frente. Então assim, vários projetos, por exemplo, o projeto de extensão Proext, que foi assim, um projeto de sucesso na UFPel, chegou em algum momento que a gente conseguiu capturar 36 bolsas de extensão para alunos, isso foi bacaníssimo. E quantas vezes eu fiz? Muitas, inúmeras... Nem queria saber quantas vezes eu me sentei na frente daquele edital até conseguir...

CONQUISTAR

Maneiras de poder atuar, esse foi um projeto bacana e claro, houveram muitas adversidades em frente à gestão. Eu estive muitas vezes como chefe de departamento no antigo departamento de artes visuais e eu também estive como coordenadora junto ao colegiado do curso.

Uma das dificuldades maiores junto ao colegiado do curso foi fazer uma reforma curricular né, em tempo record, por conta das mudanças que o MEC tava instaurando. Então a gente foi estudar currículos, a gente tinha uma equipe bem bacana que ajudou e para a gente ter esse currículo super flexível que permite uma construção muito autônoma. Isso foi um projeto de fôlego!

E A GENTE NÃO VÊ ISSO MUITAS VEZES EM OUTRAS UNIVERSIDADES

Exato, acho que esse é um diferencial do currículo daqui e acho que é um currículo bacana que permite os alunos a terem muita autonomia em sua formação, ainda mais se a gente vai pensar que estamos formando em arte contemporânea e que temos essa conversa super plural, super híbrida com linguagens e áreas de conhecimento.

SE VOCÊ PUDESSE DAR UM CONSELHO PARA OS JOVENS ARTISTAS QUE LEEM A REVISTA PETELECO QUE VÃO VER ESSE VÍDEO O QUE VOCÊ DIRIA

Que se arrisquem! Que ousem, que transgridam! Porque né, a gente só vai fazer essa diferença justamente quando a gente quebrar esses cânones. Ultrapassar essa onda conservadora né, que de fato nos quer silenciados e invisibilizados. Então, ousem! Transgridam!

CONTINUEM!

Exatamente!

**“Que ousem!
Transgridam!”**

E A ÚLTIMA! SE VOCÊ FOSSE UMA LINHA, QUE LINHA VOCÊ SERIA?

Ah, linha de costura! Linha de costura para juntar várias partes, para formar uma linda colcha de retalhos com essas colaborações todas, essas pessoas todas bonitas que tem estado comigo esses anos todos. É isso, eu estou aqui fazendo essa colcha de retalhos.

QUE LINDO! EU QUERIA AGRADECER! PELA FALA PELO TEMPO E POR ESSES ANOS TODOS.

A obrigada, eu vou precisar da colaboração pra fazer esse ebook para minha defesa de professora titular, euuento com a turma, eu posso contar. Então é isso. Obrigada vocês, espero ter ajudado e colaborado aí, que essa revista continue brilhando. A revista faz um elo entre a comunidade das artes e a comunidade da UFPel como um todo, e a gente nem sabia o quanto a revista estava atingindo para além da nossa região, quando a gente vê colaborações de artistas, curadores, pesquisadores desse brasilzão com nossa revista é tudo o que a gente quer né.

MUITO OBRIGADA!

Obrigada vocês!



“É isso, eu estou aqui fazendo essa colcha de retalhos.”



Disciplinas: Desenho da Figura Humana, Ateliê de Desenho, História em Quadrinhos e O Desenho do corpo, O corpo que desenha.

Grupos: Caixa de Pandora - Estudos de Arte, Gênero e Memória, Percursos Poéticos e Grafias na Contemporaneidade, Projeto Arte na Escola e PET Artes Visuais.

trajetória / processos acadêmicos / processos didáticos / processos artísticos / processos de realização / processos interesses de pesquisa / gênero e artistas mulheres / perspectiva enquanto professora e artista mulher / política do desenho / história em quadrinhos / Centro de Artes UFPel / PET Artes Visuais / referências / resultados / relevâncias

Entrevista por
Bella Kacelnikas

Projeto gráfico por
Davi Mendes e Thierri Cunha

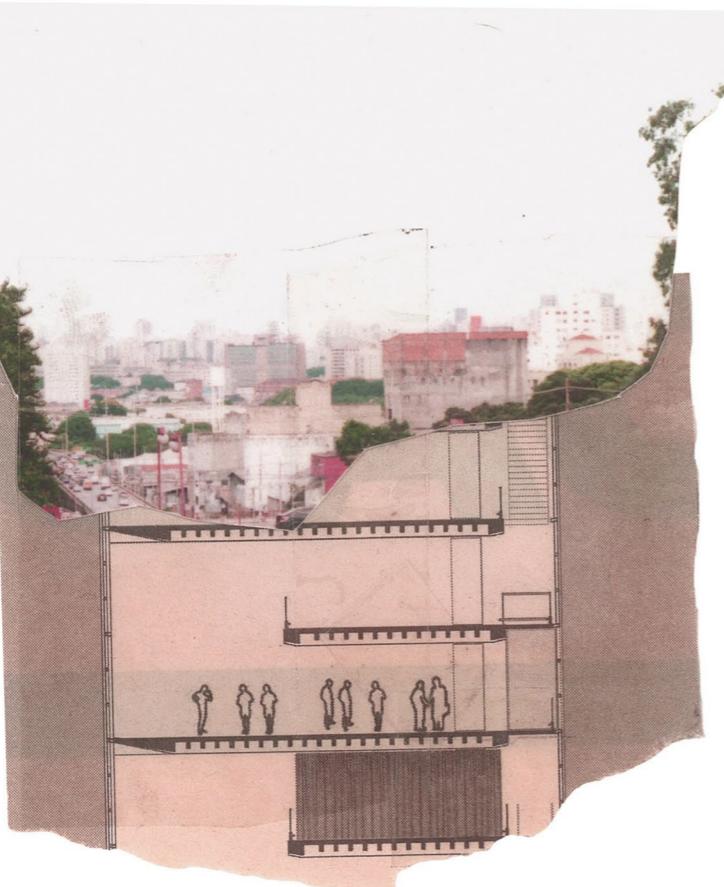
CHAMADA

ABERTA

COTACAO



2



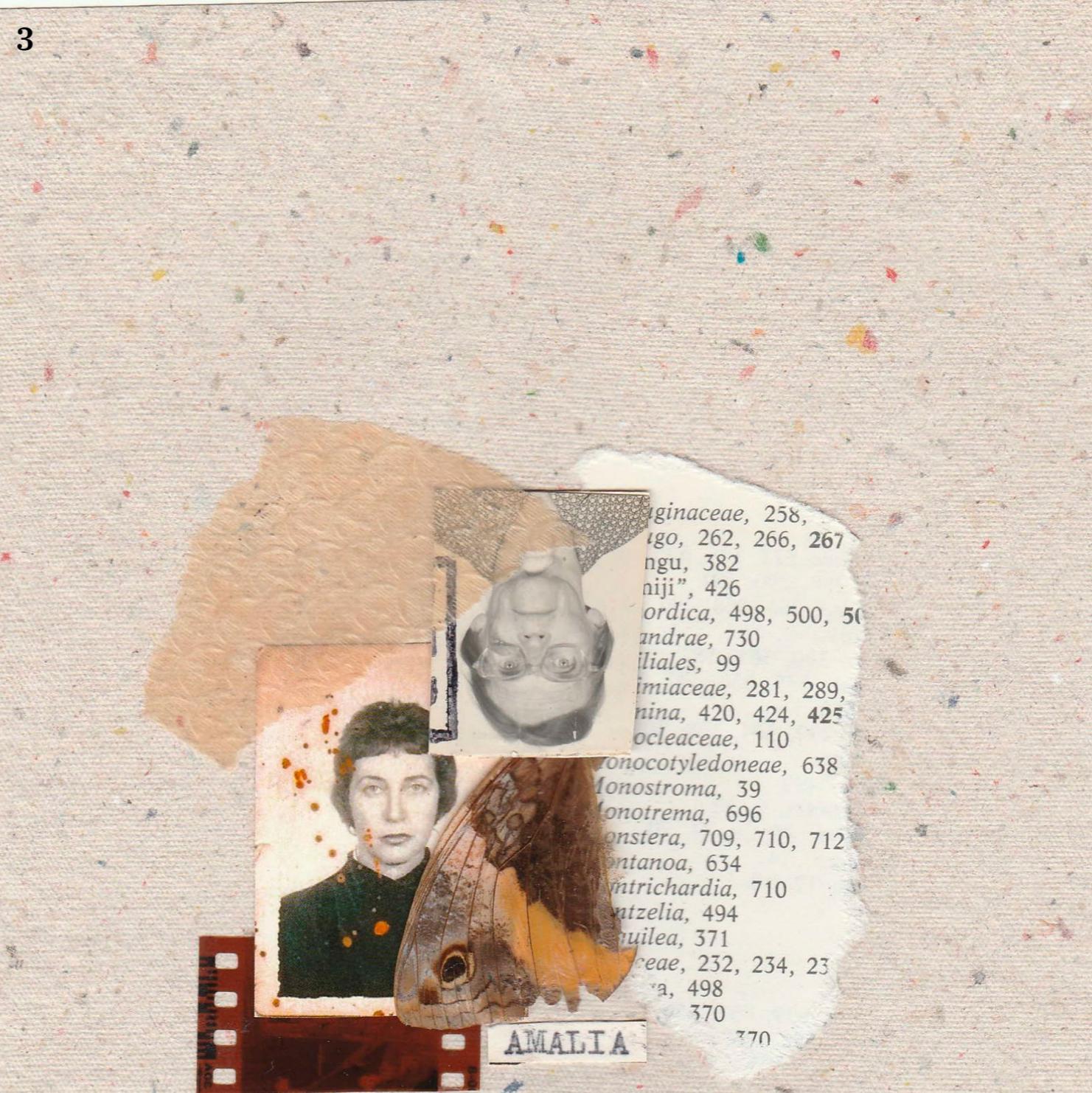
não

há

corpos

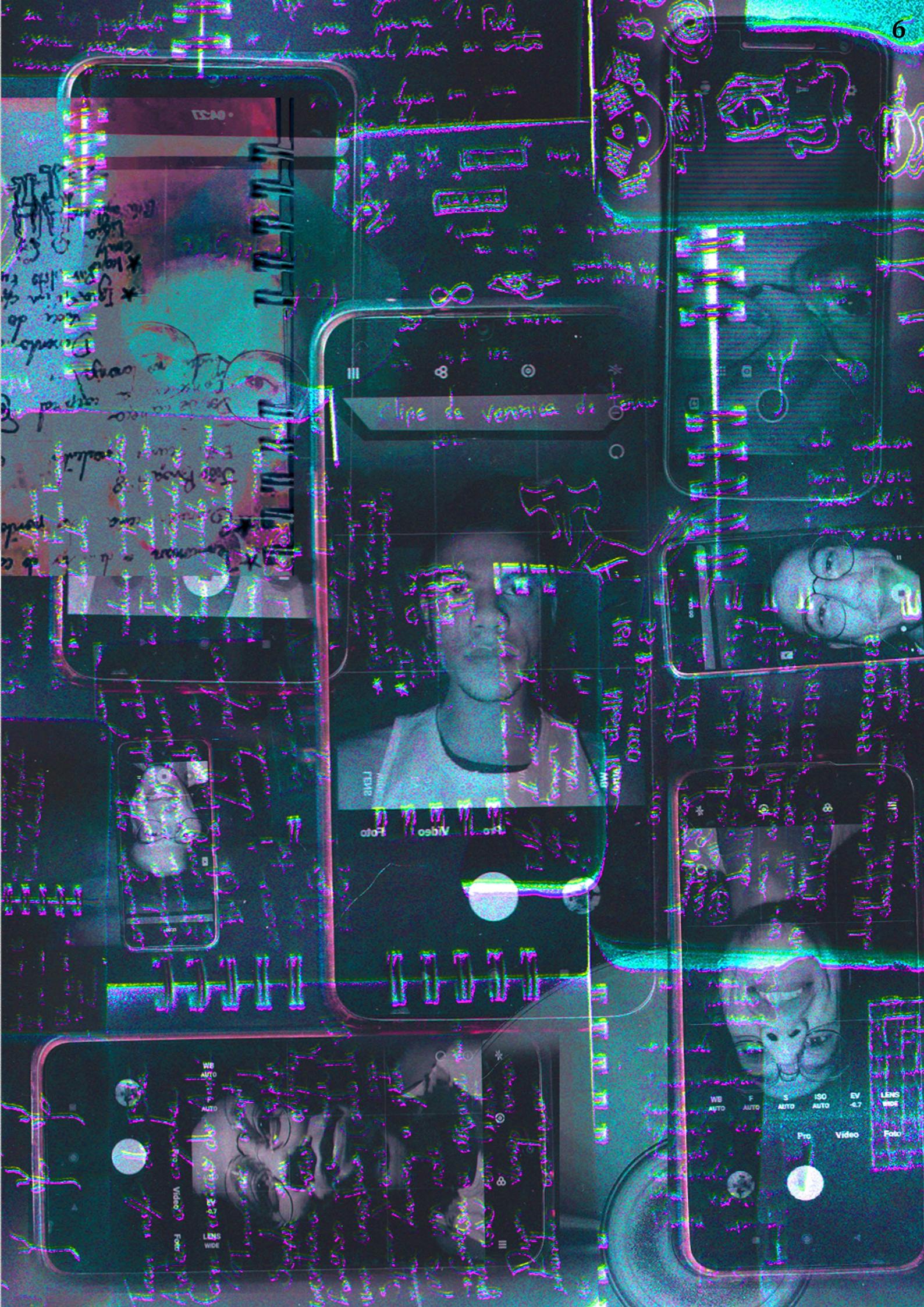
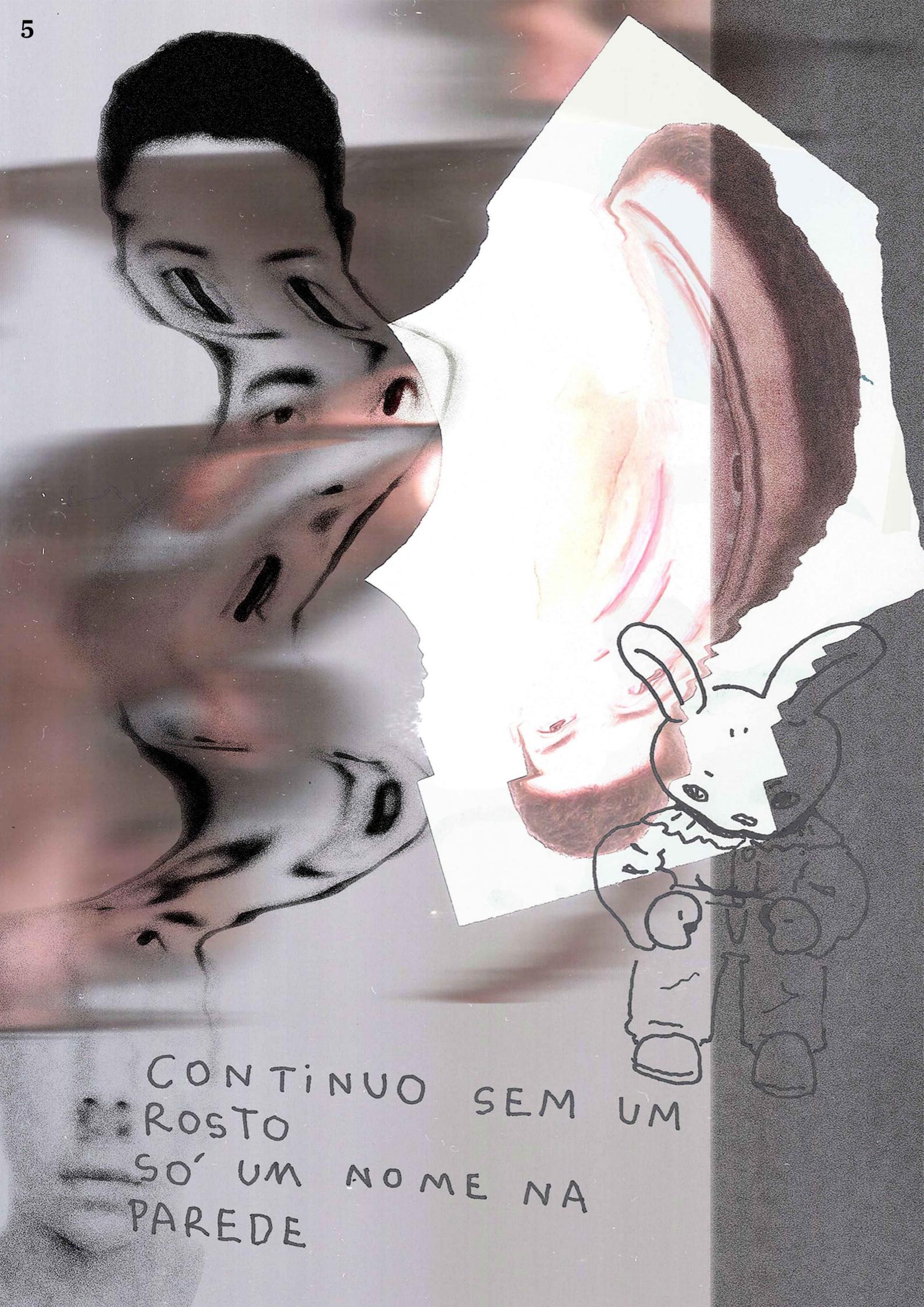
intactos

3



- // 1. FÁBULA DO POSTO. Francine Costa
 // 2. S/ TÍTULO. Tamara Crespin
 // 3. S/ TÍTULO. Thamires Seus





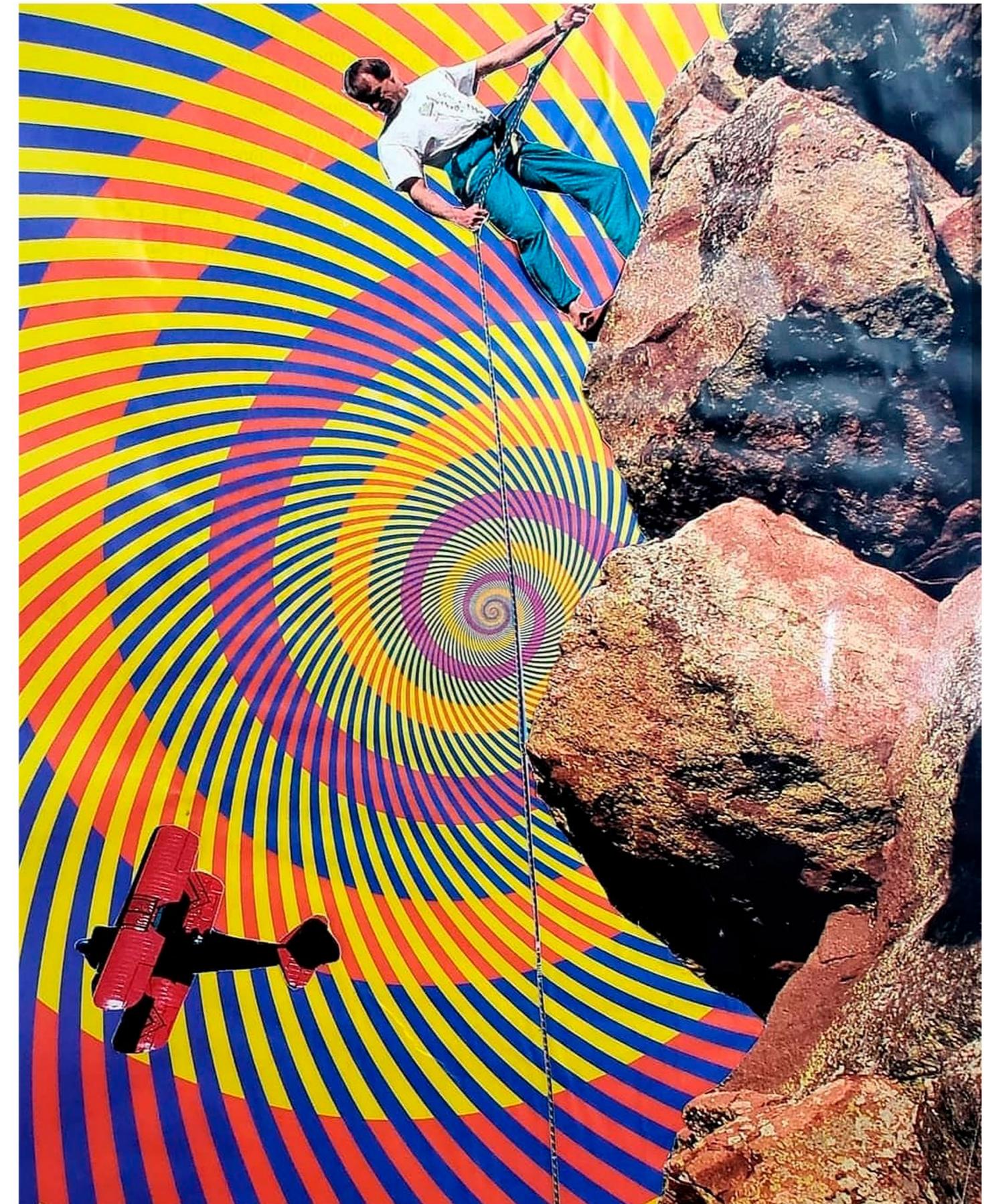
- // 5. DESFIGURADO. Mateus Machado
// 6. ESPÍRITO OBSESSOR. Denis Souza
// 7. SUFOCO 9. Gabriela João





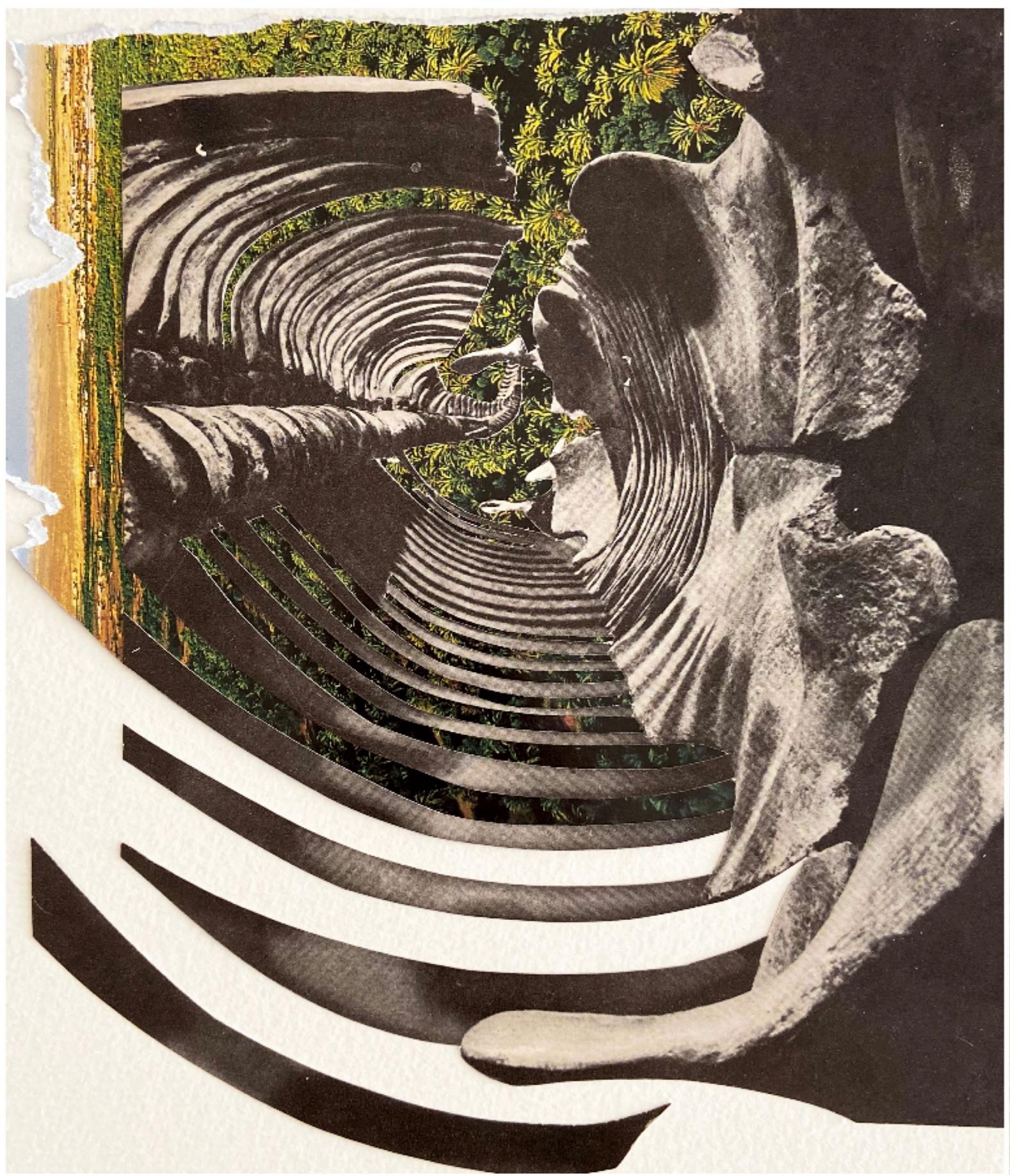
// REGISTRO 05. Gabriela Berghahn

// 9. SAUDADE DA CIDADE. Viworia
// 10. PARANOIA. Angelo Rizzon





// S/ TÍTULO. Johnny Phoenix



12

// 12. COLAGEM 118. Daniel Ardisson
// 13. COLAGEM 79.. Daniel Ardisson



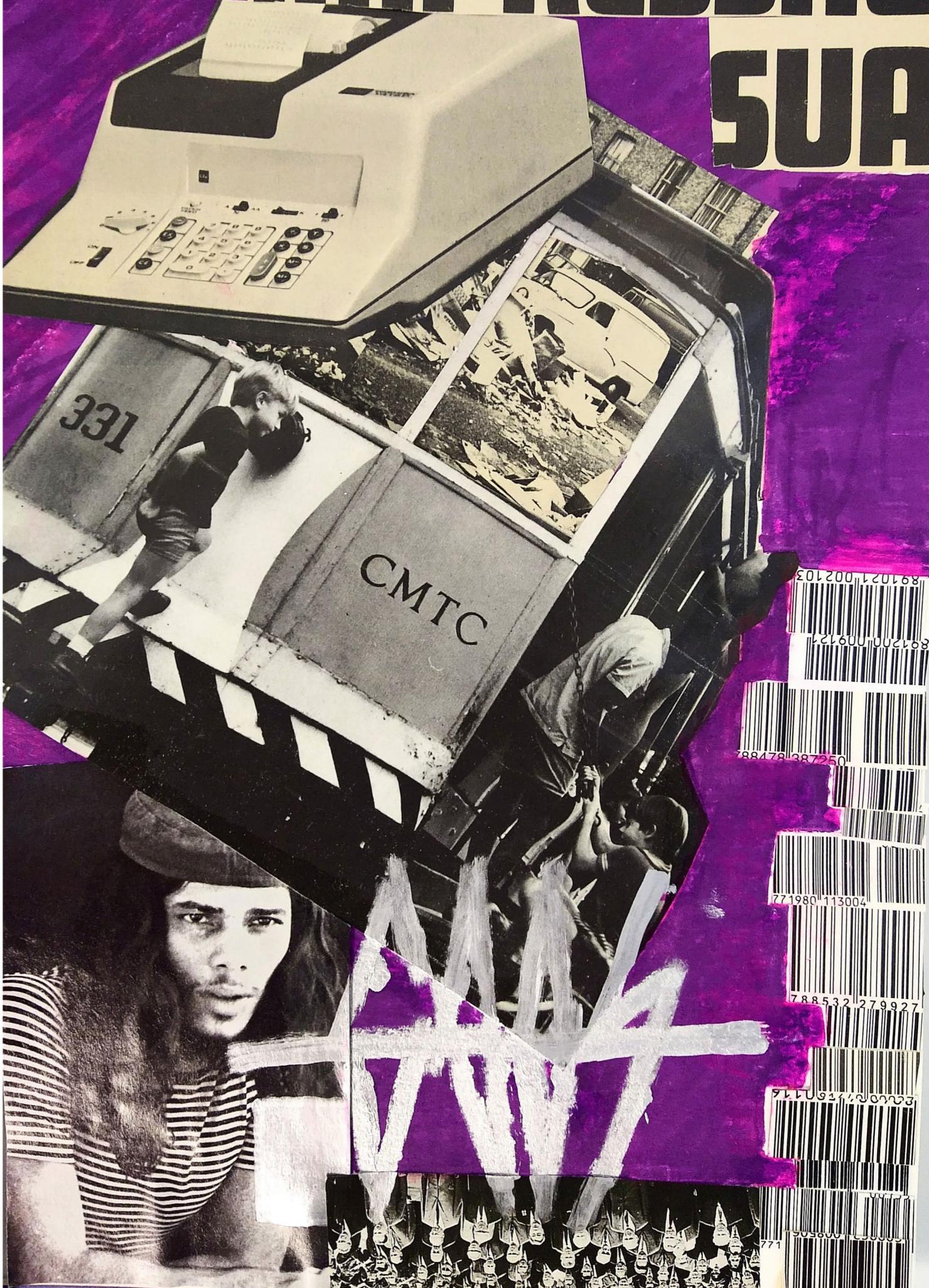
13



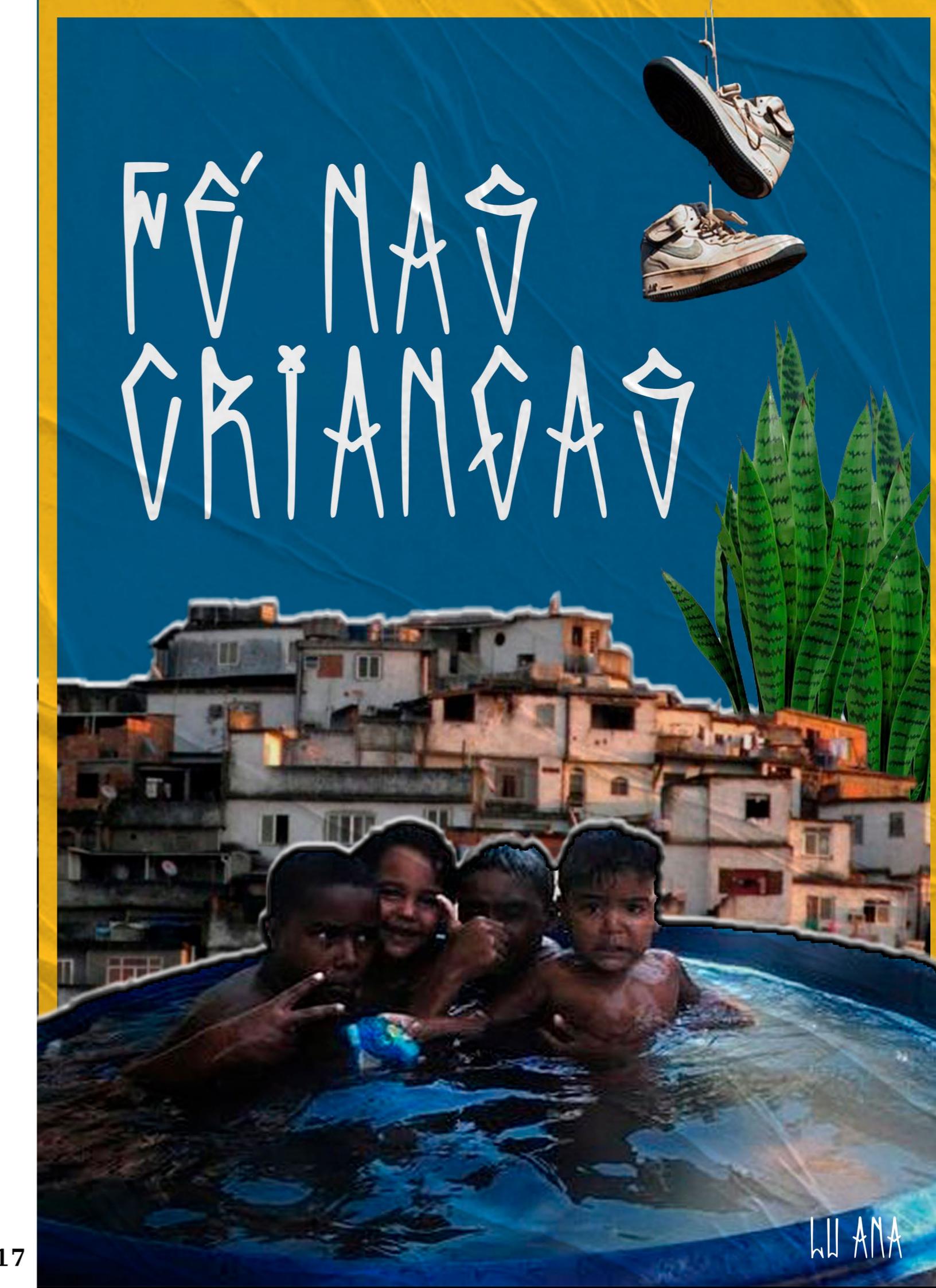


IMPRESSÃO SUA

A black and white photograph showing a white printer on the left, printing a purple sheet of paper. The printer has a small brand label on its front panel. The purple page it's printing has some text and a graphic on it.



- // 15. CORPO. Mayara Marques
// 16. S/ TÍTULO. Lucas Dummer
// 17. FÉ NAS CRIANÇAS. Luana Helena Loureiro



Ver o movimento. Observar vidas que
seguem. Histórias que transitam.



Poesia que nos aproxima. Só queremos ser felizes.



conheça um
artista

ou melhor: 14 artistas que fazem parte do PET ARTES VISUAIS



Aline Golart, nasceu no ano de 2000 na capital do mundo, Canguçu-RS. Cursa desde 2018 Cinema de Animação na Ufpel, tendo feito e participado de mais de cinco curta-metragens durante esse período, sendo desde 2020 membro do Pet Artes Visuais. Mistura em seus trabalhos as mais variadas técnicas para representar os elementos de seu cotidiano, pessoas e animais e plantas e ambientes. Quando não desenha de observação a sua realidade, nascem do seu imaginário personagens e cenários que aguardam na fila de espera para se tornarem coisa que se mexe, desenho animado, protagonistas de filme.



FUNERAL TRINCHEIRA

Acrílica sobre tela
30,0 x 40,0 cm
2020

"Essa espécie de Homem Porco indica para as pessoas que o carregam, a direção na qual devem seguir, as covas no fim do abismo. Funeral Trincheira é um grito de denúncia que escancara as problemáticas desta "distopia" onde todos nós estamos vivendo."



André Gustavo

"De um modo geral, nos últimos anos, meu trabalho foi se construindo em torno ou a partir de um desejo de tecer narrativas, evocar lembranças, sugerir figuras, nos mais variados campos de linguagens que me permeiam. Essas espécies de histórias moldadas principalmente pela pintura e pelo desenho, onde existe uma tentativa de figuração, de arquitetar uma situação e entregar pro mundo pra ver reverberar, sem saber exatamente o que vai gerar nas pessoas mas com a certeza de que em alguma escala, grande ou pequena, vai gerar alguma dúvida. Um enredo inteiro por cada olhar recaído. Cada corpo com sua reflexão única, uma narrativa própria."

"Ele é conhecido por proteger as florestas do Brasil usando diversos truques e artimanhas, em alguns lugares acredita-se que se transmuta a forma de qualquer ser vivo. Na pintura Curupira é representado como um homem grande e forte, em seu corpo pelos alaranjados bem como seu cabelo que parece estar em chamas. A feição em seu olhar é de quem tenta chegar o mais profundo no olhar do outro. Está em alguma mata escura, tendo em suas mãos a cabeça do então presidente."

HERÓI NACIONAL

Acrílica sobre tela
95,0 x 160,0 cm
2018

Natural de Bauru - SP é graduando em Artes Visuais Bacharelado pela UFPel e bolsista desde 2019 no Programa de Educação Tutorial (PET Artes Visuais). Tem atuação enquanto artista, produtor cultural e ministrante de oficinas. Ministrou oficinas de colagem reaproveitável no Espaço Cultural Katangas, através do Projeto de Extensão Contexto de Atuação do Artista, da UFPel. Fez parte como proponente da exposição coletiva Sobras do Cotidiano: Meio ambiente, deslo...c.c...amentos, poéticas de resistência e da Exposição de comemoração 25 anos PET Artes. Produziu como co-autor a revista em quadrinhos Sobrevivendo em 2021. Integra a equipe editorial da revista digital Peteleco desde de 2020 e atualmente produz no campo da pintura.



Bella Kacelnikas é artista visual e bagunceira por natureza.
Investiga histórias e narrativas enquanto explora memórias
e projeções, se envolve no realismo fantástico do que conta, pois as
realidades e as ficções impregnam seu cotidiano sem distinguir-se.
Estuda Arte, Cinema e Literatura buscando conhecer territórios,
linguagens e discursos que contenham seu estado de trânsito.

É Produtora do coletivo
de Animação e Arte
'Panelinha Produções'
mas também uma famosa
contadora de histórias
nas rodas de Fifis.





Olá,

Mais uma vez estou tendo que escrever uma mini autobiografia. Algo rápido, ligeiro, disseram. Um resumo, do resumo, de mim. Vou tentar, por você.

Meu nome é Davi Mendes da Ressurreição. O Ressurreição ainda não aprendi a gostar e o Davi fui aprender a pouco tempo. Nasci no mês de novembro e no ano de 1999, um livro de astrologia diz que nasci no “dia da fronteira”, tenho como característica principal o fascínio pelo misterioso e o obscuro da natureza humana, bem típico de escorpião. Adoro clichês. Nasci em Campinas, uma cidade imensa perto de outra cidade maior ainda que é São Paulo capital. Em 2019 migrei de toda essa imensidão para Pelotas, esse canto úmido e frio do Rio Grande do Sul. Vim até aqui para estudar Design Gráfico, e superando todas as minhas expectativas estou de fato estudando. Me considero um bom aluno até. Tenho boas notas, já estive em um projeto de pesquisa como bolsista chamado Póeticas NO Espaço e agora membro bolsista do PET Artes Visuais. Acho que estou construindo um ótimo currículo, seja para o mestrado ou para o desemprego, já que não tenho muita experiência com o mercado de trabalho. Vou pular algumas partes como história de vida, quais doenças eu tenho, posicionamento político ou do porquê eu gostar tanto de insetos. Acho que vou partir logo para algo que tá entalado na minha garganta: sou artista?

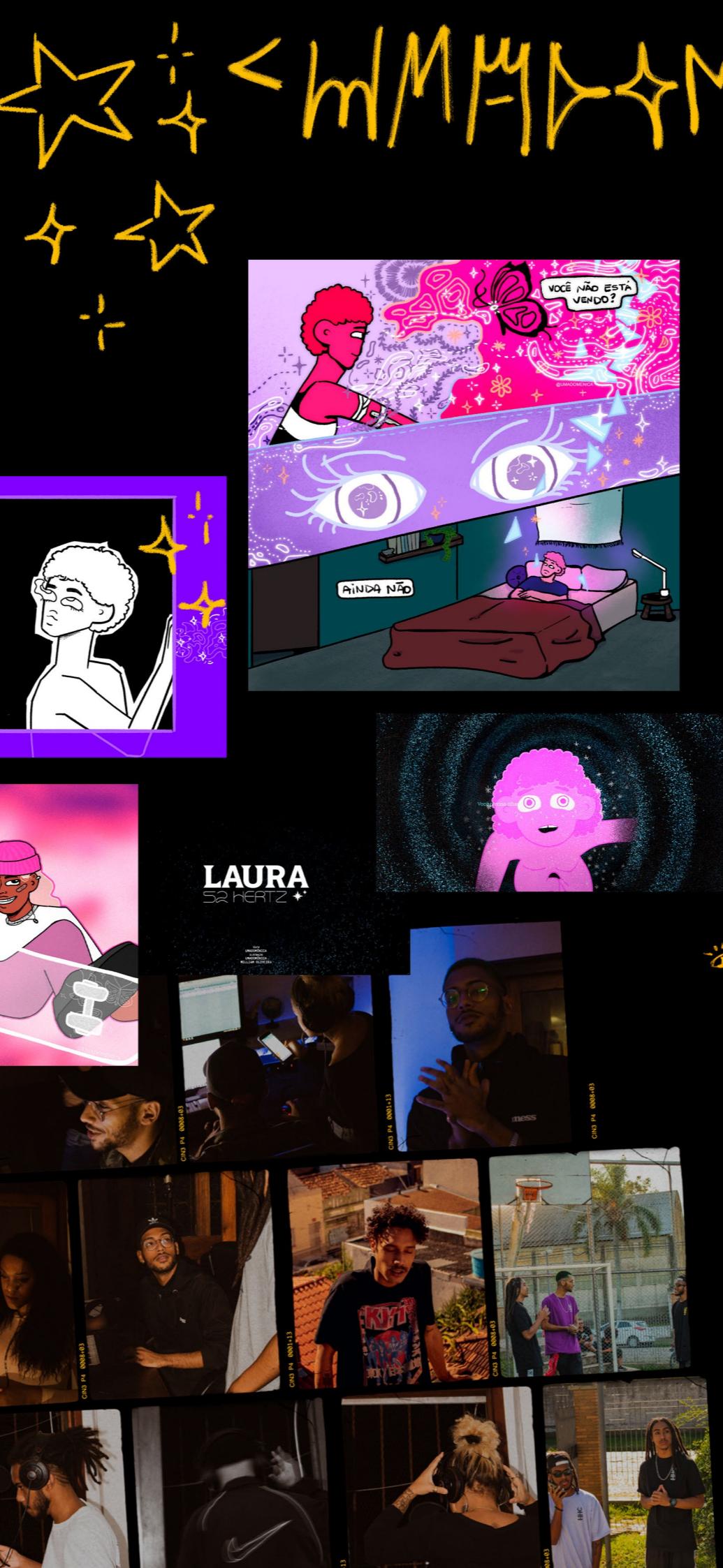
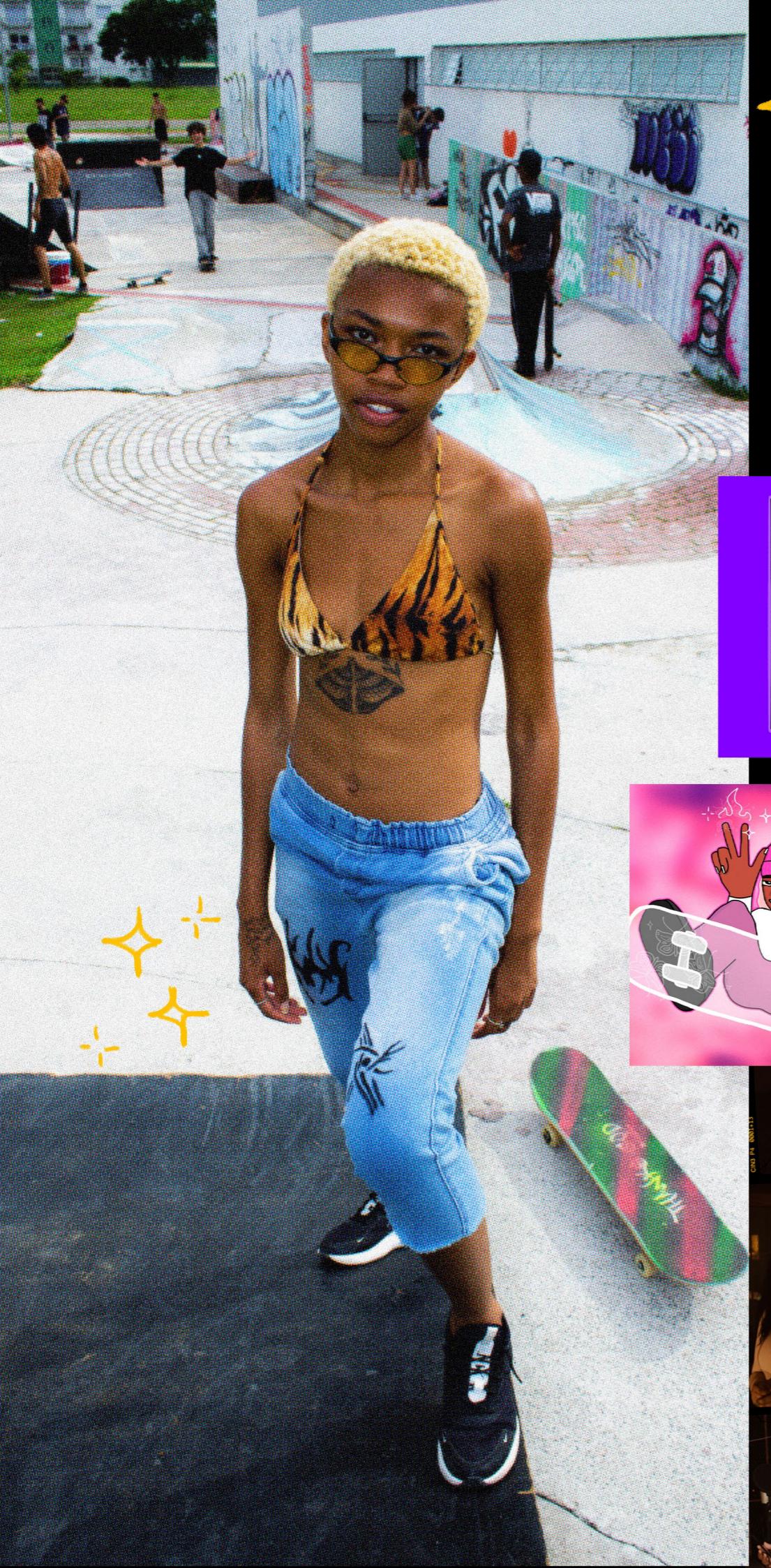
Bom, definitivamente posso ser considerado um designer, já que sei fazer uma coisa ou outra e já li um livro ou dois sobre o tema, não sinto tanta pressa pelo diploma. Mas ser artista ainda é algo novo, me sinto um pouco pressionado em imaginar que esse é um espaço que eu também ocupo, entende? Uma professora uma vez disse que um designer que também é artista é capaz de dominar o mundo, não sei se eu quero esse poder todo, nem do mundo eu gosto tanto assim para querer dominá-lo. Mas, desde pequeno eu sinto aquela angústia de querer botar algo pra fora e venho há 22 anos tentando, de todas as maneiras possíveis.

O design me ajudou a aliviar a dor e estar me aproximando cada vez mais das artes está me ajudando a me curar. Tenho fé que em breve algo está para acontecer, em mim, e vai ser bom! Mas por ora, pode-se dizer que eu sou um faz tudo. Percorro muitas linguagens diferentes. Gosto da experimentação, de quebrar regras. Faço uso de muitas técnicas diferentes em contextos diferentes. Meu traço é todos e meu estilo é universal. Tenho um apego fora do normal pelo editorial. O livro e tudo de possível em pensar o livro me fascina, e olha que eu nem leio tanto assim. Também estou me tornando um homem mais barulhento no texto, pegando gosto pela escrita, a acadêmica e a poética.

Quero botar fogo na minha identidade, apagar quem eu fui. Deixar escapar meus medos, erros, demônios. Renascer, como diz meu último nome. Me refazer do zero. Mas por enquanto é este Davi que posso te oferecer, caso não tenha gostado em algum outro momento posso te apresentar um novo, você sabe onde me achar. E antes que eu me esqueça, já que me é comum faltar com as cordialidades cotidianas, te desejo tudo de bom e espero te encontrar logo.

Com amor,

Davi.

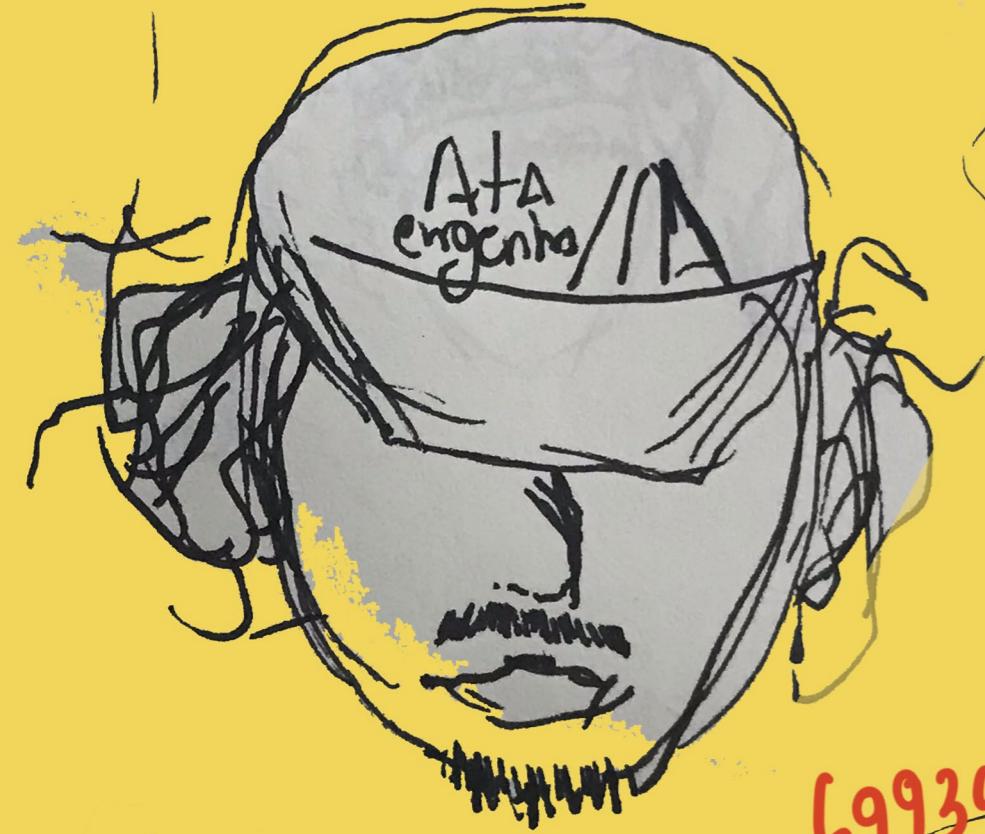


Uma Domênica, graduanda em design digital e artista multimídia, 23 anos, da grande São Paulo para o extremo sul do Rio Grande do Sul.

Minha pesquisa se inicia nos sentimentos, existências e vivências que me conectam a processos sensíveis. Sendo minhas próprias experiências ponto de partida para essas reflexões, a auto-observação e dos diferentes contextos-cenários se tornam parte inicial do processo.

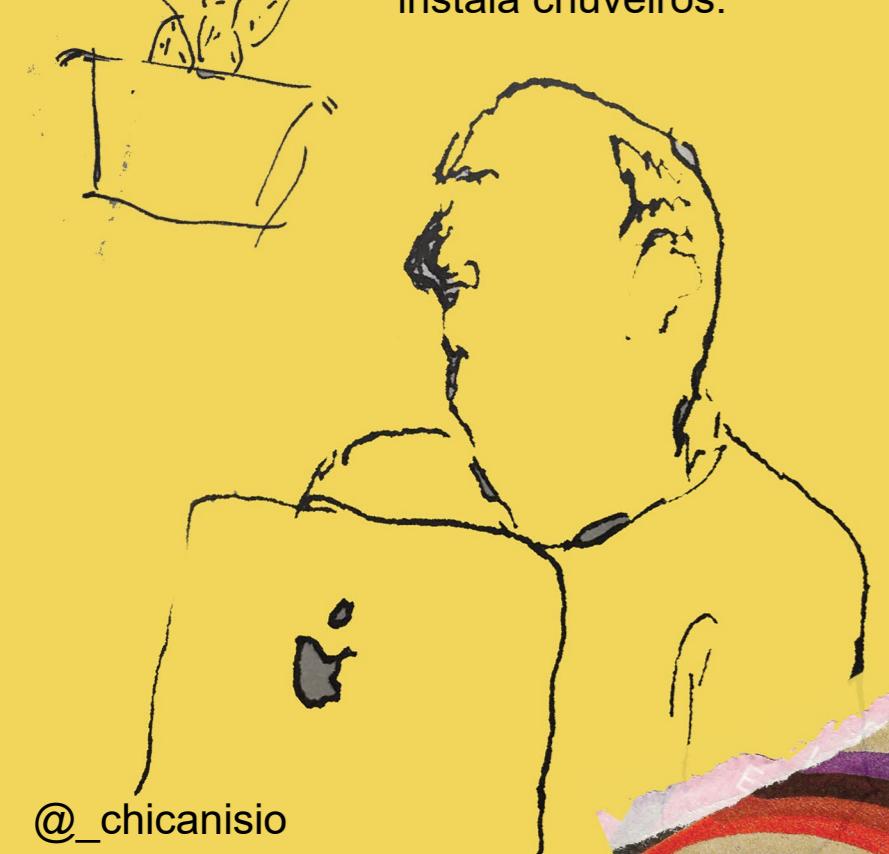
Compreendendo e modificando códigos visuais, através da autoficção, trabalho com narrativas fantásticas impressas em diversas mídias. Quando me questiono. Coloco em pauta tudo que me criou. Então crio para me entender.

Em 2020, idealizei e realizei em parceria com William Oliveira o projeto **Laura 52 Hertz** que a publicação de uma zine digital do mesmo nome e foi executado através do Edital FAC Digital RS realizado pela SEDAC RS, em parceria com Feevale e Feevale Techpark. Em 2021, me dediquei a ilustração e pesquisa artística de diferentes linguagens como a escrita, fotografia e música.

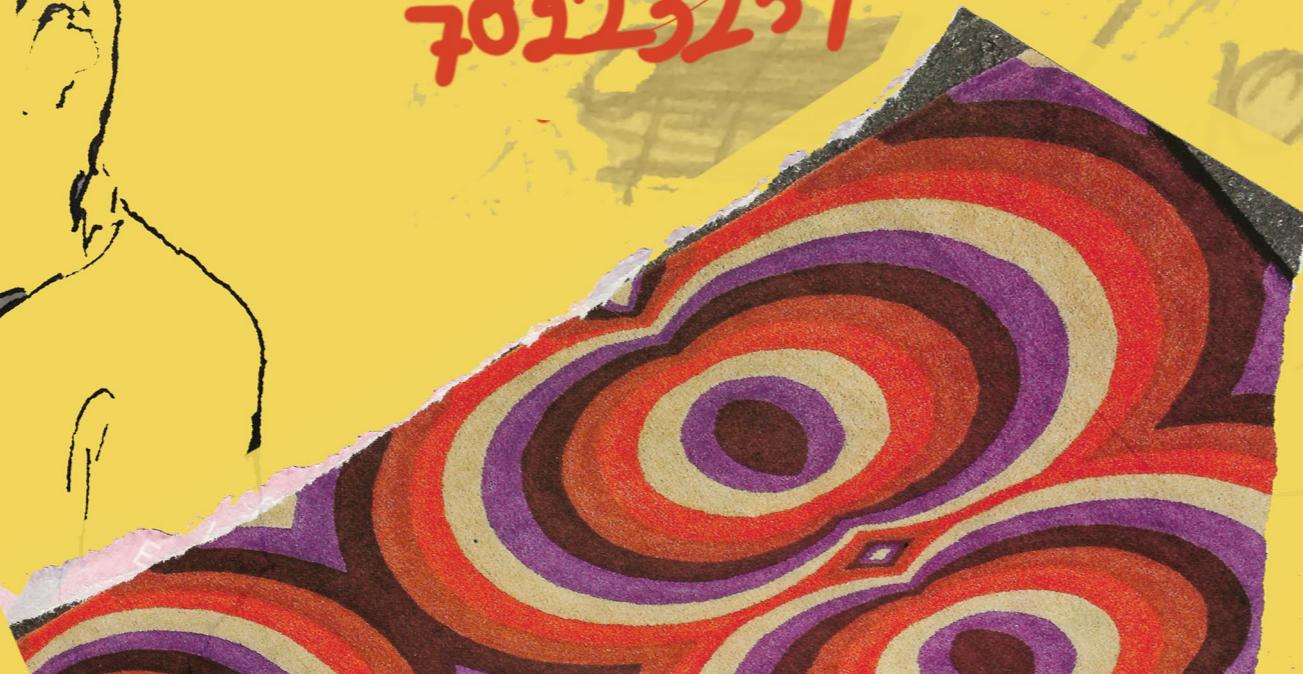


6993408

Francisco é de Ribeirão Preto,
interior de São Paulo. Desenvolve
tramos no audiovisual,
na música e na arte digital.
Faz filme com o celular e musica
de brinquedos. Artista multimeios,
instala chuveiros.



70223231



@_chicanisio



CHICO

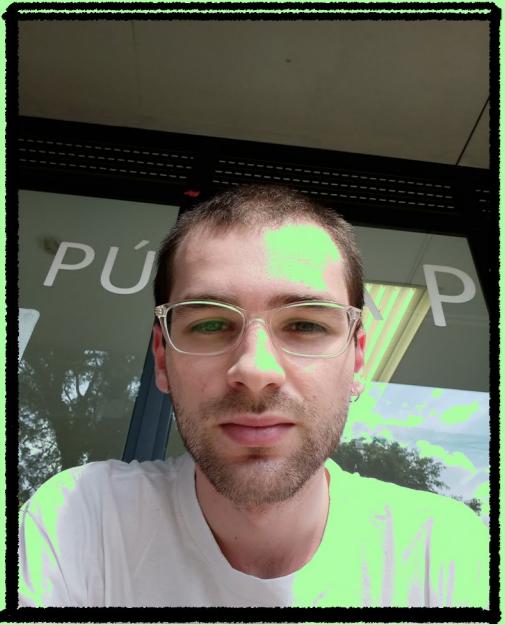


Londres, pelotas 2021

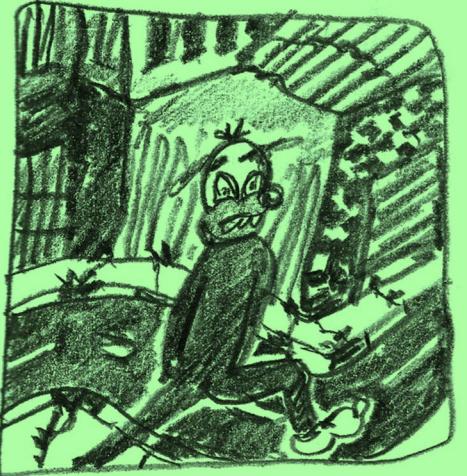


Coração sozinho 2022





Henrique Torres, nascido no fatídico ano de 1997 (vide E.T. de Varginha e *Charlie Brown Jr. Transpiração Contínua Prolongada*), na zona norte de São Paulo. Bacharel em Artes Visuais pela UFPel em 2019, ingressou na licenciatura em 2020 com o árduo sonho de ser professor meio a um Brasil desgraçado, membro ainda café com leite, ingresso em 2022, do PET Artes Visuais. Possui a doença sem cura, *Benjamin Button Reverso*, envelhece normal, mas é calvo. Se interessa mais pela vida das pombas do que com a sua própria. Eventualmente desenha e escreve na terceira pessoa fingindo ser um crítico da alta sociedade, porém, é apenas um pé de chinelo. Também é membro fundador e detentor de 1/3 das ações da não se sabe o que é, mas diz-se ser editora *Mugra Comix*, junto a Amanda de Abreu e Érico Noronha. Autor do gibi de autoajuda, *As Aventuras de Carinha de Bunda e Jake Crackinho*, premiado em primeiro lugar no 1º Festival de Gibis da Freguesia do Ó por ser o único participante.



O MUNDO É LOUCO

Imagens da esquerda para direita, de cima para baixo:

a. famosa selfie; b. maldade na espreita enquanto se caminha na rua, é isso mesmo, o mundo é louco... desenho de 2019; c. página de *As Aventuras de Carinha de Bunda e Jake Crackinho*, 2018; d. quem sou eu? desenho de 2021; e. segue nas redes xD; f. ponta mugra comix, scan de ponta 2018; g. Érico e Henrique em banquinha no Bar do Zé, set. de 2018, foto por Carlos Henrique dos Santos (@carlinhoshotwheels).





Icaro faz parte do pet artes visuais desde 2020,
estudante de animação na UFPel,
acumula materiais e objetos para experimentações
que não necessariamente acontecem, rabisca distorções, cria corpos e
criaturas, tortas ou molengas, mais de vinte dedos, às vezes escreve
sobre elas também.
vivendo uma hiperfixação em cavalos e dentes.

a noite escura e mais eu

(2021)



Meu nome é Jackeline Nunes sou guarulhense de sangue baiano, sou artista desde que sou gente, mas expus meu trabalho visual em público pela primeira vez na Mostra de Artes Feministas realizada pelo coletivo Maria dos Pimentas na UNIFESP Guarulhos em 2016. No mesmo ano me formei em Comunicação Visual e a partir disto comecei a trabalhar com design e fotografia.

STUDIO L

QUANTOS ERAM PRA TÁ?



Ainda em Guarulhos organizei o SARAU DA QUEBRA DA que permanece acontecendo até hoje em meu bairro natal Soberana City. Em 2017 ingressei na UFPEL no Bacharel de Cinema e Audiovisual e comecei a atuar em Pelotas onde moro atualmente. Nos últimos anos me aproximei cada vez mais do hip-hop local, e o interesse que já crescia em mim desde sempre ampliou o alcance do meu trabalho.

Faço parte do PET ARTES desde 2020, e estagiei remotamente como produtora cinematográfica no STUDIO L em 2021.

Organizo a OHÚN - Mostra de Cinema Negro de Pelotas, evento que desde 2017 apresenta à comunidade algumas obras do cinema e audiovisual negro brasileiro contemporâneo. E também trabalho como curadora na Mostra de Cinema Latino Americano de Rio Grande.

Trabalhei como designer nos filmes:

“Quantos Eram Pra Tá?” (Vinicius Silva, 2018)
e “Além da Fronteira” (Alexandre Mattos Meireles, 2021).

Produzi com a STAYBLACK o documentário “TEM PRETO NO SUL” (Ah Nanse e Jackeline Nunes, 2021), fiz direção de fotografia com a M4CLÁ do videoclipe “GUENTO” da MC Pérola Negra e o visualizer “MAMBA NEGRA” de B.ART.

A influência criativa do hip-hop na minha vida segue se estreitando com minha produção, recentemente co-criei a HQ SOBREVIVENDO, com o petiano das artes André Gustavo e a Kizzy Vitória Coutinho que faz parte do projeto de extensão LAPSO: LABORATÓRIO DE ARTE E PSICOLOGIA SOCIAL que traz muitas referências musicais incluindo algumas aqui do Rio Grande do Sul

Também fui assistente de produção representando a STAYBLACK no projeto NA ESTRADA (etapa Pelotas) que têm reunido acervo para a construção do Museu do HIP HOP do Rio Grande do Sul, o primeiro do gênero em toda a América Latina.

Para me conhecer mais só buscar nas redes:
@amarelojanu

SOBREVIVENDO

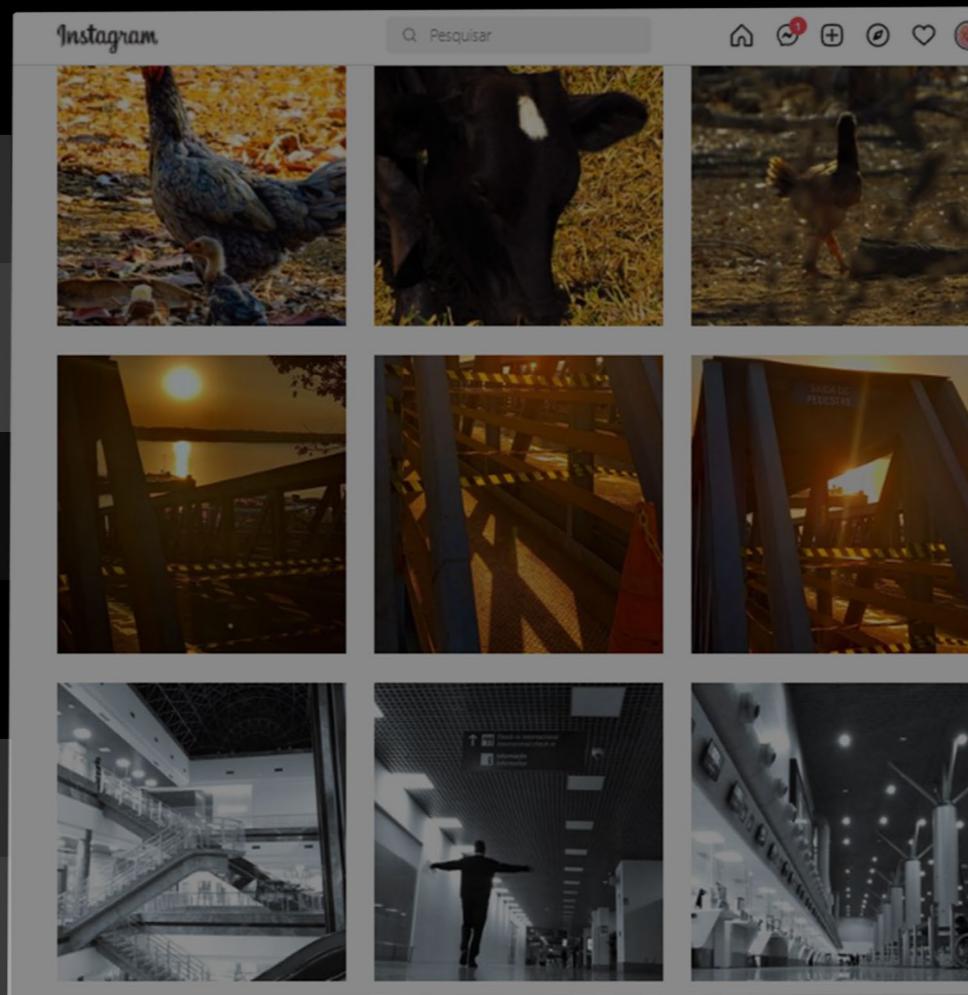
**ENTRE A LEI DO CÃO
E AS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS**



LIVEA

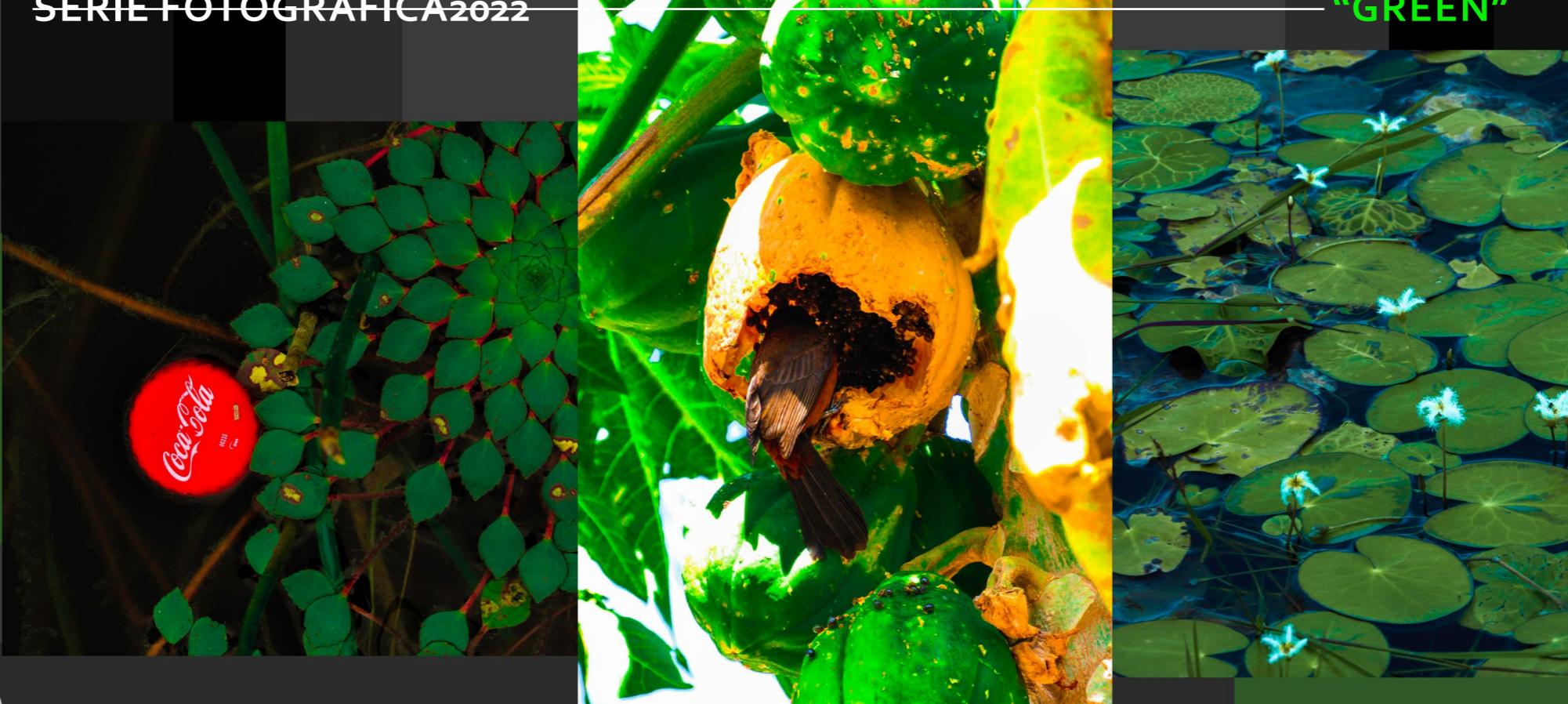
SOU ESTUDANTE DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA
NA UFPEL, ENTREI NO PET DE ARTES VISUAIS
ESTE ANO. TENHO 22 ANOS, VIM DO ESTADO DE
RORAIMA EM 2019 PARA ESTUDAR.

MEUS TRABALHOS ARTÍSTICOS DIALOGAM
COM DIVERSAS TÉCNICAS E MATERIALIDADES
APRENDIDAS AO LONGO DO CURSO. ENTRETANTO
FOI NA FOTOGRAFIA QUE EU ME ENCONTREI...



ATUALMENTE TENHO ME DEDICADO A FOTOGRAFIA DE MODO EXPERIMENTAL, USANDO COMO SUPORTE EXPOSITIVO A REDE SOCIAL *INSTAGRAM* (@*LIVEA_PHOTOART*), O FOCO É INVESTIGAR AS ESTÉTICAS DIFUNDIDAS DENTRO DESTA PLATAFORMA E EXPERIMENTAR A REPLICAÇÃO DESTA PARA DIVERSOS ASSUNTOS ALÉM DE PESSOAS; OBJETOS, ANIMAIS, VEGETAÇÃO, PAISAGEM, ETC. SEMPRE EXPLORANDO COMO A "BELEZA" É CONSTRUÍDA NO MEIO DIGITAL. OBSERVANDO COMO A MÁQUINA FOTOGRÁFICA INTERPRETA AS CORES DO AMBIENTE E ATÉ AONDE O SOFTWARE DE EDIÇÃO É CAPAZ DE ALTERAR, SEJA PARA VENDER UMA Falsa REALIDADE OU UMA TENTATIVA DE EXPOR O QUE OS OLHOS HUMANOS VEEM. COMECEI EM 2019, E HOJE USO AS CORES/ASSUNTOS COMO SELETOR EXPOSITOR.

SÉRIE FOTOGRÁFICA 2022



"GREEN"

AS TRÊS FOTOGRAFIAS DIALOGAM NÃO APENAS PELA PREDOMINÂNCIA DA COR VERDE ("GREEN") MAS POR ESTarem DIRETAMENTE LIGADAS A NATUREZA, AMBAS FORAM REGISTRADAS DO JEITO QUE FORAM ENCONTRADAS, A MODIFICAÇÃO SE RESTRINGE APENAS A EXTRAPOLAÇÃO DA COR POR MEIO DO USO DE SOFTWARE. E ABRE ESPAÇO PARA O DEBATE SOBRE A PRESERVAÇÃO; A PRIMEIRA É O IMPACTO DO SER HUMANO NO MEIO AMBIENTE, A SEGUNDA O "IMPACTO" DO ANIMAL NO MEIO AMBIENTE. E A TERCEIRA O "IMPACTO" DA NATUREZA COM SI PRÓPRIA.

Luiz Fernando (nando)

Nascido e criado em Porto Alegre, se encontra desde 2018 na graduação em Cinema e Audiovisual pela UFPel. Integra como voluntário o PET Artes Visuais e o Cineclube Zero4. Atualmente, também se encontra desenvolvendo o projeto de curta documentário "Ninguém Saiu Ferido".

@azucr1.nando





Me chamo Pedro Augusto, nasci em Duque de Caxias - RJ, desde pequeno me interessei por todas as formas e potência das artes, ainda que áreas voltadas para ilustração e cinema me despertem um interesse maior, sempre me utilizando de conceitos da cultura pop em meus trabalhos.

No ano de 2018 tive a oportunidade de trabalhar como co-roteirista e diretor de um curta, como projeto de conclusão de um curso anual de cinema, idealizado pela Ofcine em parceria com o IF de Rio Grande. Intitulado "Voltamos para Casa", esse projeto que contou com um grande toque de humor nonsense, me proporcionou uma experiência transformadora de como é trabalhar em um ambiente de set de filmagens profissional. Em 2020 ingressei na UFPEL no Bacharel de Artes Visuais, onde tenho tido a oportunidade de experimentar e me aprofundar em diferentes prismas de expressões artísticas e suas técnicas e materiais. Tenho dado ênfase na parte de desenhos, utilizando parte do aprendizado do mundo acadêmico para aperfeiçoar oficinas e aulas de desenho que aplico de maneira online desde 2020.

Gosto de acreditar que um artista só se torna verdadeiramente relevante para o mundo quando ele acrescenta sua visão de mundo em seu trabalho, pois todos nós somos uma soma sensorial gigantesca e complexa de tudo que vemos, ouvimos e vivemos. E só nós podemos revelar essa individualidade, é importante revelar algo pessoal em seus trabalhos. E isso é um processo no qual sigo em um eterno tentar.

Atualmente estou desenvolvendo projetos de oficinas de desenho, podcast, HQs e roteiros, além de seguir aperfeiçoando meu estilo e narrativa visual para ilustrações, que costumo compartilhar em meu perfil profissional no Instagram [@ILUSTRANDOAQUI](#).

Só existe arte com transformação.



yuki zarate (1998), natural de Pindamonhangaba - SP e radicada em São Paulo capital, atualmente reside e trabalha em Pelotas - RS cursando Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas, onde também é bolsista do PET Artes Visuais. Em seu trabalho investiga a matéria, a cor e a figuração na pintura, através tanto de seus procedimentos tradicionais quanto da costura e do estofado em tecidos como o veludo e o cetim pensando um caráter objetual e tático da linguagem. Assim, parte de um imaginário particular atravessado por uma memória afetiva relacionada à sua ancestralidade que permeia temas da paisagem, do aquático, e da comida.

Forma e cor parecem ser uma desculpa mútua para que a outra exista. Como se o branco só existisse porque o cisne existe, e assim por diante.

Quando dois cisnes encostam a testa forma-se um coração. Ao refletir na água, os peixes, que não são seres românticos, são tomados por uma espécie de euforia e nadam em constante movimento da superfície às profundezas e vice-versa.

Como a água em que o cisne flutua e o peixe nada, some e se dilui, o espaço da pintura contrai e dilata, esconde e dá a ver.

Imagem forjada de cisnes e peixes, a fatura do veludo trai a própria origem de pelo de animal para virar pele de bichos sem pelo. Drama. São apenas memória para uma forma-cor como um origami, é essencialmente pintura.

Uma Ode Aquática para a Pintura



conheça um Pet

O que é o PET Diversidade e Tolerância

Petiana Luana Durante Oliveira

O PET Diversidade e Tolerância (PET-DT) existe há 13 anos e é vinculado ao Instituto de Ciências Humanas. Diferente de alguns PETS na UFPel, o grupo, em uma modalidade Conexões de Saberes, é formado de modo interdisciplinar, por estudantes de diferentes cursos de graduação. O objetivo principal do PET-DT é promover diálogos entre a universidade e as comunidades populares, além de instrumentalizar os alunos em atividades de ensino, pesquisa e extensão.

pet
ufpel
diversidade
& tolerância

PODCAST “Não Era Uma Vez”

O Podcast “Não Era Uma Vez” é uma proposta recente dentro do PET DT. O projeto de extensão no formato Podcast, tem como objetivo conhecer os diversos contos de fadas e perceber suas transformações ao longo dos anos, analisando o contexto histórico, o público alvo e o meio de circulação. Além de discutir as adaptações existentes, de modo a promover uma reflexão sobre os processos que as adaptações dos contos de fadas passaram e ainda passam. A ideia do projeto surgiu depois do lançamento da coleção

“Conta Pra mim” pela Secretaria da Alfabetização (ligada ao MEC), a qual adaptou os contos de acordo com suas perspectivas morais, fazendo com que partes essenciais das histórias se perdessem.

O Podcast “Não Era Uma Vez” está disponível no streaming do Spotify.



programa de educação tutorial pet

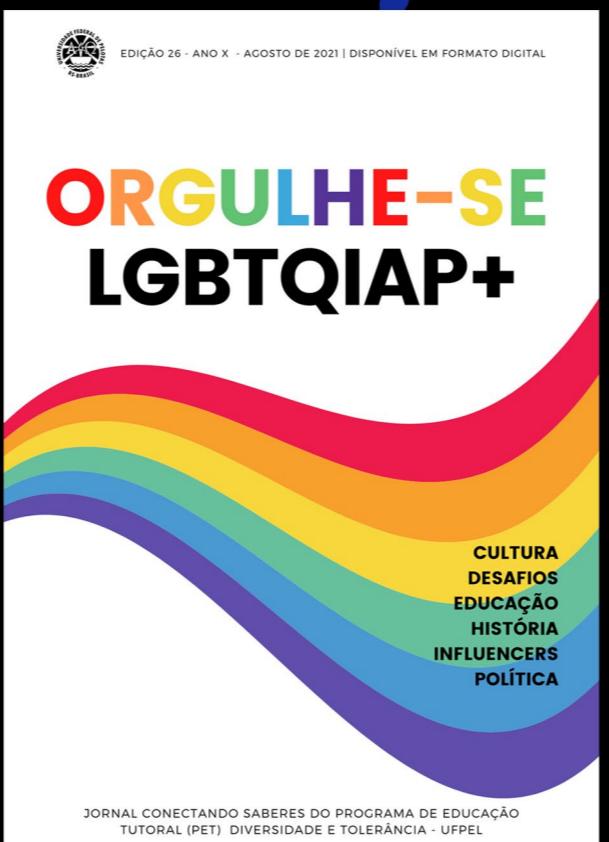
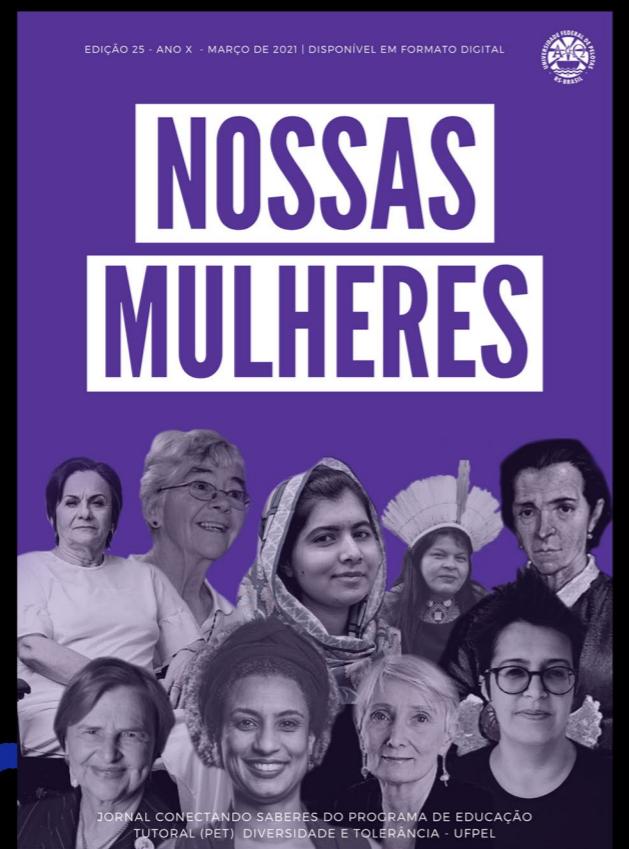
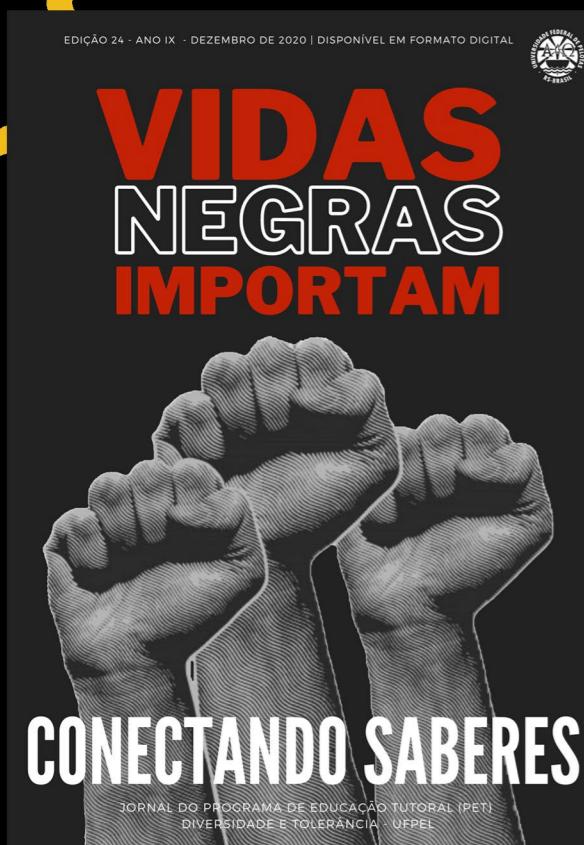
Jornal

Conectando

000
Saberes

O Jornal Conectando Saberes está em andamento desde 2011. Trata-se de um projeto de ensino, que possui também um componente de extensão, pois o mesmo dialoga, através das redes sociais, com a comunidade externa. Todos os anos são lançadas novas edições com o objetivo de discutir temas importantes dentro da temática da Diversidade e da Tolerância, as quais embasam a existência do grupo.

Ainda que nos primeiros anos o jornal estivesse mais voltado à comunidade escolar, tendo em vista que a maioria dos bolsistas era das Licenciaturas, atualmente, considerando a nova composição do grupo, o material é voltado, especialmente, para a comunidade universitária, embora seus conteúdos interessem também à população em geral. Em 2022 chegamos a 28^a edição e pensando no ano eleitoral, a edição teve como tema: Voto e Cidadania. As edições estão disponíveis em nossas redes sociais, Instagram e Facebook, além do site oficial do PET Diversidade.



CULTURA

RECOMENDADA

músicas

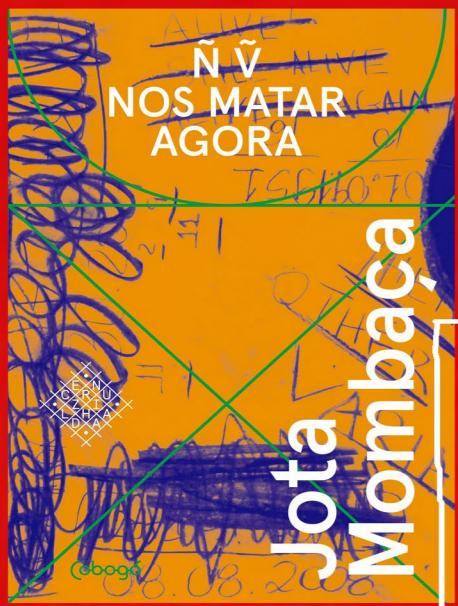
Filmes

Livros

podcasts

Sites

exposições



Não Vão Nos Matar Agora NÃO VÃO NOS MATAR AGORA

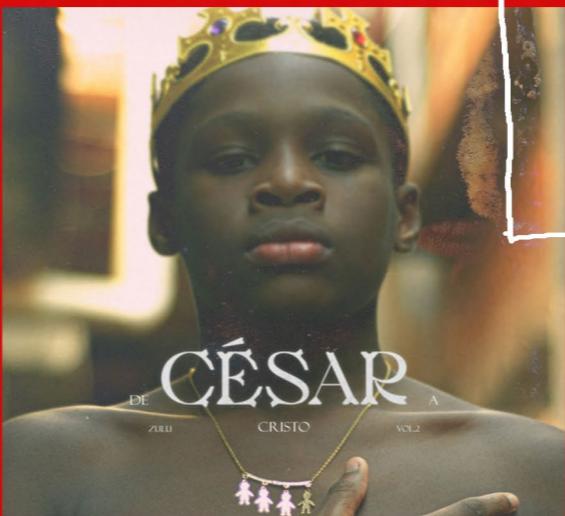
"Como desfazer o que me tornam?" Com esta e tantas outras indagações, Jota Mombaça aponta horizontes que vislumbram a importância de existir e performar em meio às feridas deixadas pelo colonialismo. "Não vão nos matar agora" é um espaço de experimentação, fazendo da palavra e do corpo ferramentas de crítica, potência e combate. As reflexões forjadas neste livro testemunham uma produção de conhecimento original e interdisciplinar, permeada por tensões permanentes em que a autora busca repensar o mundo como o conhecemos, propondo alternativas e transformações rumo ao novo.



Salve rapa! Salve massa! Mano Brown vem para ampliar a visão e o debate trazendo diversidade de ideias e pensamentos com profundidade e respeito. Se prepare para ouvir assuntos importantes, interessantes, relatos inéditos e controversos com convidados amados ou odiados - você decide!

Mano a Mano
MANO A MANO

Zulu, Vol 2: De César a Cristo ZULU, VOL 2: DE CÉSAR A CRISTO



O rapper Zudizilla, de Pelotas (RS), está de volta com "Zulu, Vol. 2: De Cesar a Cristo", seu novo álbum de inéditas, disponível nas principais plataformas digitais. Lançado este ano, o álbum ainda conta com um filme oficial "Vozes do Silêncio - de César a Cristo vol II", disponível no canal do YouTube do artista.

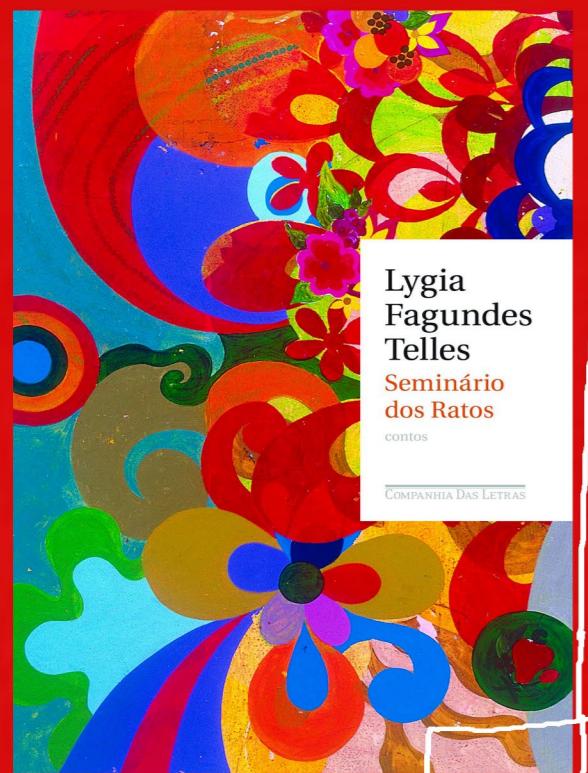


Direção Bruno Ribeiro
Gabriela é uma jovem pianista negra que irá se apresentar em seu primeiro grande recital. No entanto, um sonho com sua falecida mãe desestabiliza a mente e o coração de Gabriela, colocando em risco a sua apresentação. A partir de uma série de encontros ao longo de um dia, Gabriela irá se jogar em uma jornada de reconciliação com suas memórias e sua mãe.

Manhã de Domingo (2022)
MANHÃ DE DOMINGO (2022)

Seminário dos Ratos SEMINÁRIO DOS RATOS

Publicado originalmente em 1977, este volume reúne alguns dos contos mais sutis e complexos de Lygia Fagundes Telles, que palmilha o terreno do fantástico e lança mão de todos os seus recursos literários para tratar de temas como o amor, a loucura, a velhice, o poder e a morte.



Caixa-Preta CAIXA-PRETA

O livro de Fábio Henrique, ex-aluno de Design da UFPel, aborda a pesquisa sobre livros de artista e parte de sua história, sketchbooks e memória, design autoral e transtornos alimentares em homens.



Direção Malu de Martino

Pintora, exploradora e ativista ambiental, Margaret Mee deixou um legado que influencia cientistas e artistas até hoje. Conheça a mulher que registrou inúmeras espécies da flora brasileira em forma de obras de arte. A britânica se mudou para o Brasil na década de 1950, produziu mais de 400 ilustrações sobre a flora brasileira e, por meio da arte, defendeu a bandeira do ambientalismo.

Margaret Mee e a Flor da Lua (2013) MARGARET MEE E A FLOR DA LUA (2013)



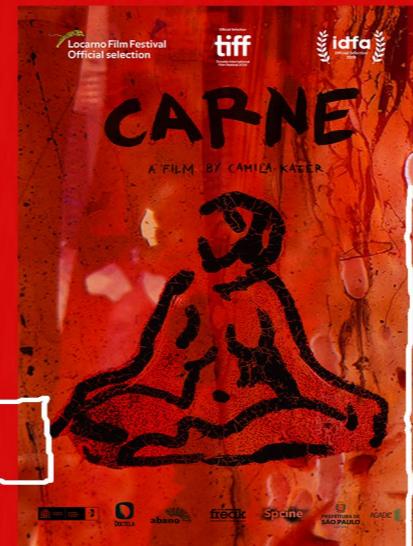
Mamba Negra MAMBA NEGRA

Bart prod. zilladxg
Bart lança seu primeiro single de 2022, "Mamba Negra", que tem como principal referência a mentalidade mamba de Kobe Bryant, que traz os aspectos do trabalho duro, foco no processo e a cada dia tentar ser melhor que ontem.



Tons de Pele TONS DE PELE

Gabriel Rafiki (prod. Máximo beats)
"Um trabalho dedicado às pessoas pretas de todos os lugares, um diálogo sobre nossa difícil condição e linda grandeza (ambos gigantes) nas palavras mais belas que eu tinha na época em que fiz a composição."



Carne (2019) CARNE (2019)

Direção Camila Kater
Crua, Mal Passada, Ao Ponto, Passada e Bem Passada. Cinco mulheres compartilham experiências íntimas e pessoais sobre sua relação com o próprio corpo desde a infância até a terceira idade.

Pinacoteca Exposição Virtual OSGEMEOS: SEGREDOS (2021)

Mais de dez mil itens criados para a exposição OsGemeos: Segredos podem ser vistos em 360° gratuitamente no site da Pinacoteca. A visita é gratuita e possibilita navegar pelos 10 espaços dedicados à mostra e ver de pertinho os itens do rico imaginário dos irmãos Otávio e Gustavo Pandolfo.



Jackson Pollock JACKSON POLLOCK

Jackson Pollock foi um pintor norte-americano conhecido por seu estilo particular de pintura por gotejamento. No site, você pode criar as suas próprias obras no estilo Pollock usando o mouse como pincel. Basta deslizar o cursor pela página e ir descobrindo como cada movimento cria uma nova imagem.



editorial:
Aline Golart
André Gustavo
Bella Kacelnikas
Davi Mendes
Francisco Franco
Henrique Torres
Icaro Regina
Jackeline Nunes
Livea Carmo
Luís Fernando Rodolfo
Pedro Augusto
Uma Domênica
Yuki Zarate

revisão:
Francisco Franco, Henrique Torres, Icaro Regina,
Jackeline Nunes e Nádia Senna

design e diagramação:

Montagem Peteleco n. 8 - Jackeline Nunes
Museu de Arte Digital e Entrevista com Nádia Senna - Davi Mendes
Chamada Aberta - Yuki Zarate
Conheça um artista - petianos respectivos
Coluna recomenda e conheça um PET - Icaro Regina

capa:

Colagem MEGAFAUNA, Mulheres Gigantes - Telma Roveda

realização:
PET ARTES VISUAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
MAIO 2022

